

AUTORES & LIVROS

Março de 1950

Ano X

Diretor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO: — Cr\$-3,00

Vol. XI

N.º 3

Noticia sobre Frei Manoel Calado

MANUEL CALADO

Frei Manoel Calado nasceu em Vila Viçosa, Portugal, em 1808. Era eremita de S. Paulo, tendo professado em 8 de abril de 1830. Residiu no Brasil por mais de trinta anos e faleceu em Lisboa a 22 de julho de 1854.

Trabalhou:

G. Valeroso / Lucideno / a /
diagnóstico / da / Liberdade / e /
Princípio / da / Compostos / Por O P.
Frei Manoel Calado / da /
Ordem / de / São / Francisco / de /
São / Paulo / Dedicado / ao / Serenissimo /
Senhor / Dom / Theodosio / Príncipe / do /
Reino / de / Portugal / de / Portugal /
Em / Lisboa / Com / Veneza / da / Santa /
Instituição / Ordinário / de / Mesa / do /
Papa / Por / Paulo / Grassebeck / Im-
pressor / da / Imprensa / da / Ordem / Mil-
litar / Anno / do / Senhor / de / 1848 /
In-fo-ol. — 8 fls. n. nuns. e 356 pp.

Estação turística, por ter sido su-
perada logo após sua publicação.
Tornou-se — Lisboa, na Officina de
Domingos Carneiro. Ano — 1852 —
In-fo-ol. — 8 fls. n. nuns. e 356 pp.

À mesma edição precedente, com
a simples alteração da fl. do rosto
de algumas aprovações e licenças,
autorizada 20 anos depois de publi-
cação a primeira.

O Valeroso Lucideno e o triunfo
da Liberdade — Recife, 1942, 2 vols.
— É uma edição da Cooperativa Edi-
tora de Cultura Intelectual de Per-
nambuco. A propósito dessa edição
de Frei Manoel Rodrigues, em sua
Bibliografia e Bibliografia do Do-
cto e Holandês no Brasil, p. 271: "A
obra que modernamente se publi-
ca em Recife é indigna da mereci-
da de Calado. Esta obra não
deve ser reimpressa e entregue ao
público sem introdução e sem notas
explicativas. Livro soberbo, mas anu-
lido, ele contém, naturalmente,
uma e excessos que devem ser anu-
lidos."

O Valeroso Lucideno e o triunfo
da Liberdade, 1.ª parte, 1.º tomo, 1.
e III livros. (Série Brasileira 5).
Rio de Janeiro, 1943. Edições Cultura,
320 p.

Manuel Calado — Manuel do Sal-
vador, como ele é, toda a vez que
se refere a uma pessoa — é o histori-
dor mais interessante das nossas guer-
ras com a Holanda, um dos autores
mais pitorescos, mais agradáveis do
seu lar, entre aqueles cultivaram a
história em nosso país.

Ele não se limitou a escrever a crô-
nica de uma revolução ou de uma
guerra desastrosa no Brasil, não
ficou em seu gabinete ou na sup-
ela, evocando, a luz das informações
que outrora lhe dâse ao aconteci-
mentos passados à distância.

Ao contrário Fr. Manoel Calado
foi um dos elementos da luta. Era
português, perfeitamente fiel a seu
rei e a sua gente, mas acutara como
todos os outros, o domínio de Ho-
landa. Sendo um dos homens mais
ilustres da capitania, privava do res-
peito e da consideração dos chefes
mais destacados. Dava-se muito bem,
por exemplo, com Mauricio de Nas-
sau, com o qual mantinha longas e
amáveis conversações. Como Nassau
não sabia o português, como Calado
não sabia o holandês — conversavam
os dois em latim.

Quando, sob as ordens de Fernan-
des Vieira — o valeroso Lucideno —
os pernambucanos resolveram repelir
o jugo holandês, Calado foi um dos
elementos desde logo mais eficientes
e mais úteis. Sacrosanta que é, di-
nho largo a sua batina. Mas, conser-
vando-a, toma a espada do guerri-
heiro. Torna-se, desde logo, de um
supremo interesse, a sua figura, que
cada vez mais se faz complexa: é ele
a vez mansa do céu, que conhece os
guerrilheiros em agonia; é ele também
o líder fantasma que surge em
meio de uma estrada deserta, que
brota da curva de um caminho ou
da curva de um rio para surpreender
um grupo de inimigos desatentos.

Com isso, um intenso conhecimen-
to do meio, uma perfeita ciência de
almas e de caracteres.

Calado conhece todos os chefes com
que luta, todos os soldados ao lado
dos quais está lutando. A galéria,
que ele levanta, fica incorporada à
nossa história; é uma incorporação à
nossa história; e nos livros, um Fernan-
des Vieira, um Camarão, um Henri-
que Dias, já é o mesmo que a cada
um desses heróis deu o autor do
Valeroso Lucideno.

Como essas figuras de chefes, a de
tantos outros. Todo o Calabar, tal
como o pintam os nossos cronistas,
que ora o exaltam, ora o denigrem,
está numa simples página de Calado.
E assim também está Mauricio de
Nassau, o príncipe por tanto tempo
admirável. Calado o mostra inteli-
gentíssimo, compreendendo, único
entre os holandeses, quais os reais
interesses que Holanda poderia ter
no Brasil. Mostra-o também, amável,

gentil, cavalheiresco para com as
damas pernambucanas, antes homem
da sociedade que homem de presa e
guerra; mas mostra-o também como
aquele que ele não podia deixar de
ser: um ambicioso da fortuna rápida,
capaz de se deixar envolver, com um
pirata ladino, num negócio fácil, de
rendoso contrabando de negros.

Calado vê, observa, toma notas
mentais de tudo.

Há páginas suas, trechos de seu
Valeroso Lucideno, que só por si
servem para explicar as razões pro-
fundas que levaram os pernambucanos
à revolução e à guerra contra
Holanda. Referimo-nos aquelas pas-
sagens em que o velho historiador nos
conta o que era a justiça dos holan-
deses — justiça de violência, de opres-
são, de roubo, justiça representativa
de todas as maldades, de todas as
crueldades da injustiça. Entre os
agentes de tais iniquidades, figura
um que poderia ficar como o tipo
simbólico da autoridade arbitrária e
estúpida, de todos os tempos: o ex-
coletado Paulo Dias Damas. Sala com
autoridade — que entretanto tinha a
sua órbita de ação no próprio distrito
do Recife, onde assistia Nassau — e
era um dia de julho. De uma sé de
suas excursões de-nos conta Calado:
a um certo Manuel de Oliveira, cujo
filho possuía um cachorro de caça,
condemna ele a uma multa de doze
mil réis e lhe toma o animal. A
uma pobre velha que vivia de esmolas
dirige-se ele, e lhe pede um copo
de água. Como a mulher lhe dá água
num copo, ele a censura, achando que
a uma autoridade de sua condição só
se pode dar água em púcaro novo —
e a multa em dez cruzeiros. E assim,
por diante. Não há quem lhe escape
às garras espirométricas e inclementes.
Calado, naturalmente, não mostra
a outra face da moeda — a das injusti-
ças portuguesas. Sabemos, porém,
pelos cronistas do tempo, e sobre-
tudo por esse manual de irreverência
e de maldade, que é a Arte de Furtar
que a justiça de Portugal, naqueles
sombrios tempos, era, em espécie, a
memorável justiça de Holanda.

Manuel Calado vive e viverá como
o mais sabroso dos cronistas do
nossas lutas com Holanda. O livro
ao seu nome é longo e entusiasta,
em penas aereas e até frias, como a
de um Capitão de Abreu ou de
um Oliveira Lima. O que se torna
urgente é uma edição ampla e per-
feita, enriquecida de eruditos e exa-
tos comentários, de sua magistral
obra O Valeroso Lucideno.

Manuel Calado vive e viverá como
o mais sabroso dos cronistas do
nossas lutas com Holanda. O livro
ao seu nome é longo e entusiasta,
em penas aereas e até frias, como a
de um Capitão de Abreu ou de
um Oliveira Lima. O que se torna
urgente é uma edição ampla e per-
feita, enriquecida de eruditos e exa-
tos comentários, de sua magistral
obra O Valeroso Lucideno.



João Fernandes Vieira, o Valeroso Lucideno, num desenho de West Rodrigues, feito para o livro de Paulo Setúbal — O príncipe de Nassau

SUMÁRIO

- Notícia sobre Frei Manoel Calado.
- Justiça holandesa, de Manuel Calado.
- Nassau e as damas pernambucanas, de Manuel Calado.
- Nassau e o triunfo da Liberdade, oitavas de Manuel Calado.
- Nassau contrabandista de negros, de Manuel Calado.
- Fernandes Vieira, de Manuel Calado.
- A morte de Calabar, de Manuel Calado.
- Pernambuco antes dos holandeses, de Manuel Calado.
- Mauricio de Nassau, de Manuel Calado.
- Morte de D. Luis de Rojas, de Manuel Calado.
- Por causa do Castilho de Abreu, de Nilo Bruzel.
- Carta de Carlos Mauil, Resposta do Deputado Moacir de Paula Lobo.
- Três grandes historiadores da guerra da Holanda: Duarte de Albuquerque Coelho, Marques de Bastos, Rafael de Jesus; Francisco de Brito Freire (notas bio-bibliográficas).
- Correspondência de João Ribeiro, Cartas a José Veríssimo, Lúcio de Mendonça e Gringa Aranha.
- Olhos verdes, conto de Carlos Puzos.
- Bernardo Vieira Rayoso.
- Retificação do número de Dezembro de 1949.
- Samuel Putnam.
- Archangelus de Guimarães, de Mucio Leão.
- Ulanum, de Edgar Poe, tradução de Fernando Pessoa.
- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea, Segunda série. Prosa. XXVIII — Ribeiro Couto.
- Nota biográfica sobre Ribeiro Couto.
- Nota bibliográfica.
- Isaura (trecho de novela).
- Diário de amor de um moço deilado.
- Espendor e miséria dos palacetes da praia.
- Fuga.
- Nostalgia Importuna.
- Galeria Sotero Cosme. N.º 3 — Cavallo.

Nassau e as damas pernambucanas

FR. MANOEL CALADO

Tornaram-se os moradores para
suas casas imaginando que com as
tais capitulações, estavam seguros de
que faziam cada dia nova vida, e
imposições para lhes roubarem suas
fazendas e lhes tirarem as vidas;
porém não se passaram muitos dias
justiça e guerra, que tornavam por
as frestas da Capitania em seus
quarteis, tornavam do novo nos co-
stumes atraindo, roubando por as
casas, e assassinando culpados nos mora-
dores, vexando-os, e prendendo-os, e
trazendo-os ao Recife, onde suavam
que o Príncipe acompanhava as colas
por o melhor modo que podia con-
duzir para os pobres moradores se
verem livres dos outros ministros, pri-
meiros detinham a lá nas ruas dos
luzes feros e a pena nas ruas das
aguias, cu o sangue e a vida nas
ruas do alto, e só a D. Jerônimo
de Almeida, mulher do Rodrigo de
Barras Pimentel (o qual se havia
pedido para a Bahia) lhe custou
peitar por não de Carlos Dias Per-
reira com novena caixa de apêlar,
para escapar da morte, porque do

Pôrto Calvo a trouxeram presa ao
Recife, impondo-lhe por culpa que
ele havia agasalhado em sua casa,
e dando provimento de comer a uma
tropa de soldados, que havia vindo
da Bahia a correr à campanha e
lhes haviam trazido cartas de seu
marido; e por esta culpa, a qual não
puderam provar, sendo com o dolo
de um negro escravo, a quem ele
tinha mandado acotlar, por o roubo
que lhe havia feito, e ele por se
viximar da senhora lhe foi elevante
este falso testemunho; e como os
Holandeses não um dolo de um negro
lhes bastava para prova bastante
para atestarem com os moradores,
puseram a dita matrona mãe de nove
filhas já quase mulheres perfelhas,
e três filhas em aspera prisão on-
de a não deixavam falar com Portu-
gueses algum, e a condenaram a morrer
de fome; e para isso o Príncipe deu
deus da sentença dada lhe perdoasse
a morte foi necessário ajudarem-se
as mulheres dos homens nobres, e
principais que moravam em coitão
do Recife, e irem todas em corpo a
detalhar-se aos pés de Príncipe, e por

outra parte guardavam o muro com
ameias de canas do sequear para al-
cançarem o fim de seu intento.
O Príncipe João Mauricio Conde
de Nassau recebeu a estas mulheres
com alegre semblante (que a tinha
ele para todas) e as fez levantar da
terra com muita cortesia, e lhes disse,
que se soubera que havia de ter tão
formosa e honrada hospedeira que
estivera preparado com um banquete,
segundo elas mereciam, porém que já
que o haviam tomado de sobressalto
as convidava para jantar com ele
com a sua mesa ordinária; elas lhe
bejaram a mão por a merecer, a favor,
e lhe responderam que o banquete
que elas vinham buscar à sua casa
era, que achando graça em seus filhos,
fosse servido S. Excelência de acudir
a tão grande crueldade, e perdoar a
Dona Jerônimo; e que o jantar à
sua mesa haviam por recebida a
mercê, porém que não era uso, nem
costume entre os Portugueses com-
erem as mulheres senão com seus
maridos, e ainda com eles era quan-
do não havia hospedeira em casa (nota
conclusa à página 16)

Justiça Holandesa

FR. MANOEL CALADO

Como a intenção dos tiranos Ho-
landeses não era outra senão dissol-
par, e destruir a Província de Per-
nambuco, e parar de sorte os mora-
dores dela, que lhes não ficasse coisa
em que pôr olhos, para que os for-
çados da necessidade desparassem a
terra e fossem buscar para viverem
outras estranhas, ou contrabandos
das muitas crueldades, e traçoas, lhe
entregassem todas suas fazendas, e
havendo de ficar na terra fossem
mais que cativos, e escravos, traba-
lhando de dia, e de noite, não para
si senão para seus inimigos; tanto
que se viram senhores absolutos de
toda a terra, deram suas diabolicas
traçoas, debaixo de um rebuçado en-
gano, para irem adquirindo a si, com
sauidade todo o dinheiro, fazendas,
e substância dos miseráveis mora-
dores, aos quais haviam assegurado os
animos com passaportes, e salvo-
condutos, para que os fizessem crer,
que lhe haviam de guardar justiça,
e lealdade e conservá-los em bon-

paiz, e assim traxeram a público para
seu trato, e memento algum dinheiro,
se o tinham enterrado, que era a
causa a quem eles tinham o laço ar-
mado, e logo ou por traçoas, ou por
tirannias lhe usurpassem tudo (como
de efeito fizeram) ordenaram dos
Conselhos de Justiça, e Político, um
no outro subordinado; no primeiro
do qual se apelava para o segundo;
puseram oito Juizes annuaes, a saber
quatro Flamingos, e quatro Portu-
gueses aos quais chamavam Escu-
tões, com todos os mais officiaes
Portugueses, e Flamingos, tantos de
uma parte, como da outra, para se
decidirem as causas dos moradores,
e no Conselho Político, que era o a
quem se ia por apelação, e agravo,
todos eram Holandeses. Os Juizes
eram nove, a saber: cinco Flamingos,
e quatro Portugueses.
A pessoa de destes Conselhos que-
ria por alguma coisa, primeiramente
havia de dar meia pataca para se
(conclusa à página 17)

O Valoroso Lucideno e Triunfo da Liberdade

FR. MANOEL CALADO

Trata-se da restauração de Pernambuco, e da expulsão dos holandeses do Estado do Brasil, de baixo do título e aclamação seguinte.

ACLAMAÇÃO

Morrão as tiranias e viva a liberdade!

LIVRO PRIMEIRO

A LIBERDADE restaurada canto,
Obrada por a espada Portuguesa.
Guiada pela luz do Polo Santo,
(Herana obra, mas crestele empresa)
Canto um João, que é terror, e espanto
Do Belga, e quebrantou sua bravura.
E de seus esquadrões em tempo breve
Muitos triunfos, e vitórias teve.

Não me assombram de Circe, e Medea
Transformações do seu fingido encanto,
Nem de Homero Jove a fértil veia.
Nem Sirena me causa grande espanto;
Porque quem canta no certo, não recita.
E quem pura verdade estima, tanto
Bem pode escrever glórias, e mais penas.
Temos a intacta Virgem por Mezena.

Primeiro faltaria Águas no Nilo,
Do que falte o castigo no holandês.
Pois com cruéis tormentos de Porfão,
Tanto tiranizou ao Português:
O qual temo no Céu seguro asilo.
Do Brasil o desterra, em que lhe pira.
Ponde freio a seus bríos com a espada,
Por não de Lucideno ninhada.

Sacrosanta donzela, que escolhida
Foste do Padre Eterno, e soberana
Para instrumento ser da eterna vida.
E libertar da morte o povo humano:
Sinta-se de vós favorecida
Esta facção do bravo Lusitano,
Lá onde o Sol levanta o curro ardente
Até as remotas parças do Ocidente.

Vós que de humano carne a Deus vestistes
Em vosso ventre sacro limpo, e puro,
E com vossa humildade descolastes
Caminho para o céu certo, e seguro:
Vós que da glória a porta nos abristes,
E sois da santa Igreja torre, o muro
Tinto e pena me dal' Virgem sagrada
Para escrever de Olinda libertada.

Sem que encarregue em nada a consciência,
Relevari aqui verdades puras,
Porque aprendi por larga experiência
A não julgar nunca por conjeturas.
Arme-se o traidor da paciência,
E espere o bom de ouvir suas venturas,
Que não hei de abater pelas honras,
Nem sublimar covardes, e medrosos.

Platão junto aos rios de água clara,
Olivera nos campos produzida,
Escola de Jacob, de Moisés vara,
Torre de escudos, e armas fornecida:
De Cades palma, de firmeza rara,
Terra que o pio nos deu da eterna vida,
Reza de Jericó, chiborra e bela,
Do segundo dos três, madre e donzela.

Do meste canto meu melhor ventura,
Do que a muitos na vós Musas têm dado,
Pois quando seu favor os assegura,
O cébero Trifauce os tem trágado:
A vós bendita Virgem Santa, e para
Rei: meu canto tenho consagrado,
Alumada Estrela de Balão
Para que cante o que é justo, e razão.

A honra é vossa (Vara de Jesse)
E da engracada flor, que produziste,
Abri-me as portas, ara do Nôe,
Pois a todos dos céus a porta abriste;
Se a mão vir que me dais (retra da fé)
Consolação dais aos olhos tristes
Dos pobres Olindanos moradores,
E cantando diti vossas louvores.

Este humilde escritor a vós se chega
(Virgem sagrada) de cabedal pobre:
Porém que a bon' árvore se apegue
(Diz o refrão) que bon' sombra o cobre;
O toco, e vil, que em vós servir se emprega,
Fica estimado, deuto, rico, e nobre,
Por tanto (mãe donzela) com razão
Vos tomo por queidela de São João.

A vós em meus ardores honro e venero,
(Segundo por tão larga experiência
O tem todos notado) porque espero
Como de mãe da Deus correspondência:
Das fantásticas Musas eu não quero
Favores; porque não tenho paciência
Quando vejo invocar o infame Jove,
Ou do fingido Apolo as urdas nove.

Vós sois (Virgem sem par) a que deveis
Dos poetas cristãos ser invocada,
Pois alcança de Deus quanto querdes,
E não há ni para vós porta fechada:
Em vossa seio a todos recolheis,
E a todos para o céu servis de escada,
E assim (segundo o modo que se usa)
Vos escolho por minha amada Musa.

Vamos tirando a luz este Sileno
De Alcibiades não, mas da afamada
Facção do Valoroso Lucideno
Com seu braço, e valor executada:
Só no monte egípcio, e vale anexo
O vigar de seu tempo, e sua espada;
E vós ingratos falsos traidores,
Aprendei a fazer coisas maiores.

Cantemos pois (oh Musa) os bens que achei
No arrastado e curto desta guerra,
Tu farás o compasso, eu cantarei:
Maravilhas do céu, feitas na terra.
Tu serás o Piloto, e eu serei
A náu, que da mentira se desterra,
Tu levaras o leme, e a bandeira,
E eu navegarei desta malheira.

Nassau contrabandista de negros

FR. MANOEL CALADO

Vendo Gaspar Dias Ferreira, que os negres se vendiam em Pernambuco por tão alto preço, e que também havia grande falta de viços, e que nestas duas espécies não podia tirar excessiva ganância, e por isso persuadiu ao Conde de Nassau a que ambos fizessem uma companhia, e mandassem uma náu ao Cabo Verde, ou à Ilha da Madeira, com carga de dinheiro, e alguns agudeiros, e para do Brasil, e tabaco, a carregarem os negres, ou de viços, e que ele daria ordem para que lá fosse viagem vissem a tomar qualquer porto da Capitania de Pernambuco como não fosse o do Recife, e que dali ele faria desembarcar qualquer fazenda que trouxessem, e a meterem por a terra a dentro, e a venderem sem ser apertado com o favor, e a semelha de outro Conde, e que assim ganharia a mãos lavadas grande soma de dinheiro; e que para que nos portos de Portugal lhe dessem carta para a náu, ele buscaria piloto, e marinheiros Portuguezes, para que se entendessem que a náu da Bahia, e não de Pernambuco; e como esta matéria de interesse atropela com todas as impossíveis, pareceu-lhe bem ao Conde João Maurício o apontado, e logo deu ordem para que Gaspar Dias comprasse aos do Supremo Conselho uma grande náu, que estava demostrendo no porto do Recife para se lhe dar queirera; e a calefataram em breves dias, e a puseram a vela, e como no Recife andavam muitos pilotos, e marinheiros Portuguezes requerendo as suas embarcações, que os Holandeses lhe haviam tomado depois do tempo das trevas, e andavam optimidos da necessidade,

sem lhe falarem a efeito; foi-lhe fácil o achegar gente do mar para a viagem, e concertou-se Gaspar Dias com Antônio Machado para piloto, e com outros marinheiros Portuguezes para irem na náu de baixo da estratagem de dizerem que iam a Setúbal a carregar de sal para levarem a Holanda, para que os do supremo Conselho não alcançassem o intento de Gaspar Dias Ferreira na viagem da náu, e enquanto ela não partiu fez o Príncipe João Maurício muito favor ao piloto Antônio Machado, e o convidou alguns vezes a sua mesa, e lhe prometeu largas mercedes, porém o piloto Antônio Machado disse a alguns Portuguezes seus amigos que não fazia aquela viagem por sua vontade, senão forçada, e por não cair em desgraça de Gaspar Dias, e do Conde; porém que ele levava determinação de ir a meter a náu no porto de Lisboa, e encerrá-la a El-Rei ou se tornasse outro qualquer porto da coroa de Portugal, havia de declarar a estratagem aos Governadores daqueles portos; os Portuguezes seus amigos lhe guardaram segredo, e lhe passaram certidão do que lhe tinham ouvido.

E porque dois marinheiros Portuguezes se de xaram dizer, que tanto que se vissem do mar, haviam de levar a náu para Lisboa, ou entregá-la aos ministros d'El-Rei por perdição, e de contrabando, não faltou quem o contou a Gaspar Dias Ferreira, o qual o fez logo meter na encadria donde os não deixaram falar com pessoa viva, e determinou de os fazer embarcar, e os não teve efeito, porque temeu que os dois marceiros des-

clarassem a causa, porque se embarcavam, e vissem os do Supremo Conselho a conhecer a trama que Gaspar Dias tinha ordenado; e assim Gaspar Dias os fez tirar da encadria de noite, e os meteu em uma barraca, e salaram por a barra fora, e nunca mais se soube notícia deles. Então a náu partiu do Recife com o piloto e marinheiros Portuguezes, com boa carga de dinheiro, e com algumas drogas de Pernambuco, e Gaspar Dias Ferreira mandou ir por mercador um sobrinho seu, chamado João Batista, e a um criado chamado Valentim Cardoso por mestre, e porque temeu que o piloto e marinheiros Portuguezes lhe fizessem alguma traição, pediu ao Conde de Nassau que metesse na náu os soldados Fluminenses e dois bombardeiros; e assim se fez como Gaspar Dias o pediu; e também levou um sota-piloto Fluminense, para o que succedesse.

Partiu a náu do Recife e chegou em Setúbal no dia doze de Março, onde o piloto Antônio Machado descobriu ao Governador o embuste, e mandou a náu, e confidenciou a náu, porém o Capitão e o mestre dela sobrinho, e criado de Gaspar Dias, alguns que vinham para fugir, torna viram em direção para a Bahia, e para isto deram a náu, e meteu na náu os soldados Fluminenses e dois bombardeiros, e logo se fez como Gaspar Dias o pediu; e também levou um sota-piloto Fluminense, para o que succedesse.

Veio a náu carregada de escravos, e passou a vista do Recife com uma bandeira de certo sinal, que lhe haviam dado e fingido ser náu de Portugal, que lá de viagem para a Bahia, andou todo um sobrinho seu, e outra volta, até que da terra lhe foi um barco de pescar com ordem de Gaspar Dias, que passasse o Cabo de S. Agostinho, e fosse a entrar no Rio Camaragibe, junto ao porto Calvo, o que assim se fez; porém do Recife com os olhos de longe se conheceram claramente ser a náu que Gaspar Dias havia comprado; o qual logo mandou pessoas de sua facção, para que fizessem desembarcar em terra tudo o que na náu viesse, e o passassem em lugares secretos com muita brevidade, e tiradas todas as enxárcias e velas, e mais pertences de náu, lhe desmontou um rombo, e a metessem no fundo; tudo isto se fez com grande diligência, porém não se pôde fazer com tanto sigilo, que o não viessem a saber os do supremo Conselho, e se não embarcaram logo com Gaspar Dias Ferreira, foi por respeito do Conde de Nassau o qual sabiam que era a pessoa mais interessada na náu, e guardaram a coisa para quando o Conde se fosse de Pernambuco, em resolução a náu deitou tóca, e escravaria em terra, e em lotes se foi repartindo por diferentes frequências, e vendendo por preciosos preços; e Gaspar Dias Ferreira, com cartas escritas em nome do Conde João Maurício, e firmadas por ele, foi mandando a maior parte destas peças a alguns senhores de engenhos, e invadidos ricos de lá em seduzendo-lhes que lhe haviam feito um presente de escravos, e que ele lhes mandava para suas fazendas para se servirem deles, e que lhe pagariam pelo preço que quisessem, e quando quisessem. Alguns se negaram mais por não desagradarem ao Conde, do que por vontade de comprar peças. Outros porque conheciam muito bem as manhas de Gaspar Dias, se recusaram que não haviam mais peças, nem tinham com que as pagar, porém que se decidiam muito a sua Excedência o favor que lhe fazia, e a grande necessidade que tinham de dinheiro.

Não se passaram oito meses, que o Gaspar Dias Ferreira deu ordem a náu do qual sobre todos os que se haviam vendido as peças, e lhes fez pagar a cem mil reis, e a noventa mil reis cada peça, e isto com fidelidade, e porque se não divulgasse esta estratagem, teve Gaspar Dias encoberto a João Batista seu sobrinho, e a Valentim Cardoso seu criado mestre e Capitão da náu, e não deu notícia de suas pessoas por espaço de três meses.

As peças, que não se puderam vender, secretamente mandou Gaspar Dias trazer para o engenho de sua sogra Isabel Cardoso, e para que não vendessem sem air sentio completo com um Judeu chamado Gaspar Francisco, ajudado também do Conde de Nassau, uma partida de poças Ardres, Minas e Calabares, que haviam vindo da costa de Africa, e uma patacho, e as pôs a vender a uma porta na Cidade Maurícia, e com estas mandou misturar os negres Caboverdes, que lhe haviam sobejado, e assim com este ruseio, bem encoberto de todos, se desfez de todos eles.

(Valoroso Lucideno, pág. 286).



Maurício de Nassau, num retrato ideado por Wast Rodrigues para o livro em que Paulo Setúbal fixou a figura do príncipe holandês

FR. MANOEL CALADO

O Chagal, no dia em que os Holandeses decretaram que os que haviam vindo de Angola se purificassem para a Bahia, em um patacho sem que se tornem por mar com João Fernandes Vieira a matatolagem, e dinheiro para quando saíssem em terra, quem não tivesse prataria e ouro e aqueles que quiseram vir por terra, lhe mandou dar cavalos em que fossem, e escrevos que os acompanhasssem na jornada e estes não emprestados, sendo dados e dinheiro para os gastos do caminho como dizem todos o senhor, que temo que os seus negócios dos benéficos que se lhe fazem, e quando não, a publicidade o apressará; e o agente de João Fernandes Vieira me afirmou que nesta ocasião havia seu amor dependente nos seus negócios, mas que eu estava falando nos estudos que eu estava fazendo de sua mão às dos pobres das quaes é dito agente João Batista da Silva não tinha noticia clara.

Vendo o Padre Frei Manoel estar coesa, logo assim contrei que era necessário que eu fizesse mais uma facção ainda nesta vida esse homem sempre viva! A esse

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queluz, Leôncio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enock Maranhão.

A morte de Calabar

FR. MANOEL CALADO

Acertaram os Holandeses o partido, e posta toda a nossa gente em fila a tudo de esquadra, repartido por dois lados, e o Sargento Mór Pedro de Velloso, e após dele todos os demais que dentro na força estavam com suas armas, e no fim da povoação lhas foram tomando Manuel Camelo de Quiloga, e outros cinco homens graves que para a tal função estavam depulados, e dentro na fortificação ficaram os novos Domínios Fernandes Calabar, sem que os Holandeses fizessem muita força por lhe libertar a vida dos concertos que trataram antes de se renderem (que este é o pago que eles costumam a dar aos que deles se fiam, que se servem deles enquanto os não mistem, e no tempo da necessidade, e tribulação os deixam desamparados, e entregam a morte). Também prenderam a um Manuel de Crasto, homem de núcleo, o qual servia de Almoxnite ou para que melhor dignos de Mestrinho dos prisioneiros dos Holandeses, que lhe buscavam farinha, e vacas para se sustentarem, e se ficou com eles dentro da fortificação.

Mandou o General Matias de Albuquerque assegurar os rendidos entre a nossa infantaria para os levar consigo, como os levou. E mandou deltar os feridos Holandeses por as casas dos moradores ali vizinhos, para que os curassem, os quais todos em breve morreram, uns porque iam muito mal feridos e outros por não lhe applicarem os medicamentos necessários, e se lhe errar a cura por falta de cirurgia, e os novos feridos, a uns levou consigo, e a outros mandou levar para as casas dos moradores, que dali vinham distantes, por que se o inimigo viesse com seu exército como veio os não achasse ali perto, e os matasse. B. Manuel de Crasto foi condemnado a morte por traidor, e mandou o Auditor Geral enforcar em cruzado, e sobre o Calabar se fez junta no que se havia de fazer dele. E como se havia de entender aquela promessa dos concertos, que fizera a mercê d'El-Rei, e se resolveu em que Matias de Albuquerque representava ali a pessoa d'El-Rei, pois era seu

General naquela guerra, e exército, e assim o General com o Auditor, o condemnaram a morrer enforcado, e espartilhado, por traidor, e alveitoso à sua pátria, e a seu Rei, o Senhor, e por os muitos males, agravos, torturas, e extorções que havia feito, e foi causa de se fazerem aos moradores de Pernambuco. Mandou logo Matias de Albuquerque chamar ao Padre Frei Manuel do Salvador ao mal onde ele morava, que não era muita distância da povoação, e lhe pediu que fosse a confessar ao Calabar, e o encaminhasse a que não perdesse a alma, pois com tanta infamia tinha perdido a vida; foi o Padre logo donde ele estava preso, e lhe disse o que lhe importava para sua salvação, e que se preparasse para se confessar, como que naquele dia havia de ir dar conta a Deus; e depois de lhe fazer algumas exortações necessárias em tal tempo, o deixou só e se saiu para a rua por espaço de uma hora, para que naquele mesmo tempo se apressasse como convinha.

Dentro de uma hora tornou a ter com ele, e das oito da manhã até o meio dia esteve com ele, e se confessou com muitas lágrimas, e com punção de espirito, segundo demonstrava, e entendeu o Padre, que com muito e verdadeiro arrependimento de seus pecados, segundo o que o juízo humano pôde alcançar, e lhe fez certos apontamentos de dividas, e obrigações em que estava, e de boa quantidade de dinheiro, que os do Conselho supremo dos Holandeses lhe deviam de seu soldo, e de algumas peças de ouro, e prata, e alfaias de sede, que no Recife tinha para que dali se pagassem algumas dividas, em que estava obrigado e lhe instruiu que fosse a apontamentos entregasse a sua mãe Angela Aires, o qual o Padre fez pontualmente; e tornando a vê-lo pelas três horas da tarde se tornou a recomendar com as mesmas palavras, e o mestre de arrependimento. Chegou neste tempo donde ele estava com o Padre o Ouvidor João Soares de Almeida com o Escrivão Vicente Gomes da Rocha, e lhe perguntou que se sabia que al-

guns Portuguezes haviam sido traidores, e tratavam com o inimigo secretamente, levando-lhe, ou mandando-lhe avisos do que entre nos se fazia que o declarasse? Ao que elle respondeu, que muito sabia, e tinha visto nesta materia, e que não eram os males abalizados do povo os culpados, e que tomara conselho com o Padre se o podia fazer, que elle o declararia na hora de sua morte, porém que do presente não se atrevia a fazer o tempo, que lhe restava de vida, e deixar de chorar seus pecados e pedir a Deus perdão deles, e occupar-se a fazer autos, e denunciações por mão de Escrivão. Arrou o Padre sobre o caso a Matias de Albuquerque de algumas coisas pesadas que o Calabar trahia em si, e de lhe dar licença para que as dissesse no dito Matias de Albuquerque, o qual em o ouvindo mandou que não se falasse mais nesta materia, por não se levantar alguma poeira, da qual se originassem muitos desgostos e tribulhões, e mandou que se lhe fosse descansar a sua casa a que ao seguinte d'a tornasse logo pela manhã e lhe mandou dar um cavalo seu para elle se ir.

Tanto que apontou a noite se foi a soldadesca em ordem, e o Sargento Mór dos Italianos Paulo Barnali, com o Probato, e mais ministros da Justiça, tiraram ao Calabar da prisão, e a um estelo que ali estava junto a casa lhe deram garrote, e o fizeram em quartos, os quais puseram em cima dos pães da estacada, que havia servido de trincheira aos Holandeses, e com tanta pressa, que nem lugar lhe deram a se despedir, e pôde perdão aos circunstantes, como queria, receiosos de que dissesse, ou declarasse algumas coisas pesadas, o que elle não tinha intenção de fazer, segundo o havia prometido ao Padre. Morio Calabar no mesmo Matias de Albuquerque carregou em carros as peças de artilharia, que ali achou, e as foram esconder em um local secretamente, para se tirarem a seu tempo, e em outros carros passaram as armas que haviam tomado aos rendidos, e outros virtuais mandou colocar caixas, e marchou com todo o peso da gente de guerra para as Alagoas, com o qual se foram também alguns dos moradores daquela freguesia, deixando suas casas e fazendas ao desamparo.

(Valeroso Lucideno, pag. 46).

O VALEROSO LUCIDENO, E TRIUMPHO DA LIBERDADE PRIMEIRA PARTE COMPOSTA

PELO PADRE MESTRE FR. MANOEL CALADO, Da Ordem de São Paulo, primeiro Eremita, da Congregação dos Eremitas da Serra d'Ófça, natural de Villa-Vieja, DEDICADA



Ao Excelentíssimo Senhor D. THEODOSIO, PRINCEPE DESTE REYNO, E MONARQUIA de Portugal.

EM LISBOA.

Com todas as licenças necessárias. Na Officina de DOMINGOS CARNEIRO. An. 1668.

Página de título da segunda edição (1668) do "Valeroso Lucideno"

Pernambuco antes dos Holandeses

FR. MANOEL CALADO

Quem se houvesse achado na villa de Olinda, cabeça da grande capitania de Pernambuco, e dos derredos de parte do Norte, antes que os holandeses a occupassem, e a tornassem a ver depois que nella entraram os holandeses, e a renderam, sem muito para fusar, em breve alcançaria, que havia sobre ella caído a vara da divina justiça; a instancia das predações em que estava enlodada. Era aquella republica antes da chegada dos Holandeses a mais deliciosa prospera, abundante, e não só se lhe admirava muito se disser a mais rica de quantas ultramarinhas o Reino de Portugal tem de brio de sua corba e estro. O ouro, e a prata era sem número, e quase não se estimava; o pedacinho que não havia embargo para o carrage, que com entrarem cada dia, e saírem de se porto estranhos frotes de náves, navios, e caravelas; e se andavam as embarcações encontrando uma com outras, em tal maneira que os pilotes foram mil, e regalos aos senhores de engenho, e lavadeiras, para que lhes dessem suas calças, não se podia dar valor ao muito que havia. As delicias de mantimentos, e licores, eram todos os que se produziam assim no Reino, como nas ilhas. O fastio, e aparato das casas era excessivo, porque por mil pobre e miseravel se tinha o que não tinha seu serviço de prata. Os navios que vinham de arribas, ou fortados aos diretos do Recife, ali descarregavam o melhor que traziam. As mulheres andavam tão leques, e tão custosas, que não se contentavam com os tafetás, e camaleões, veludos, e outras sedas, senão que arrojavam as finas telas e ricos brocados; e eram lavadas as mãos com se adornavam que paravam olhadas em suas cabeças, e narinas as perolas, rubis, esmeraldas e diamantes. Os homens não haviam adereços custosos de espadãs, e adagas, nem vestidos de ricas invenções, com que se não emrassassem os banquetes quotidianos, se escurruçavam, e jogos de canas, em que se não se desnavam, tudo eram delicias, e não

parecia esta terra senão um retrato do terral paraiso.

Entrou nella o pecado, foram-se os moradores dela, entre a muita abundância, esquecendo de Deus; e deram entrada aos vícios, e esqueceram-se o que aos que vieram no tempo de Noé, que os afogaram as águas do universal diluvio, e como a Sodoma e Gomorra, e as mais cidades etheirificadas, que foram abasadas com fogo do céu. Desdourou-se esta terra com grande desaffor; as uturas, mueras, e ganhos illicitos era coisa ordinária, os amancebamentos publicos sem emenda alguma, porque o dinheiro falia, suspende o castigo; as ladrocinhas, e roubos sem castigo de tribucos; as brigas ferimentos, e morte eram de cada dia; os estupros, e adulterios era moeda corrente; os juramentos falsos não se reparava nisto; os Cristãos novos serviam a lei de Moises, e judaizavam muitos deles, como tem o mostraram depois que o Holandês entrou na terra, que se circumcizaram publicamente, e se devotaram por Judeus; os ministros da justiça, como traziam as varas muito delgadas, como lhe punham os delinquentes nas costas quatro calças de arnar, logo dobravam, e assim era a justiça de compadres; as causas das viúvas não entravam nas casas dos Advogados para as amputar, e defender. E nuns das dos julgadores para as desquebrar, como era razão, ainda que uma, e muitas vezes entravam as viúvas, e faziam de peor condão do que entravam, que é uma das nominalidades que Deus antiniquamente attribua muito por um de seus Previsores, nos juizes de seu povo. Causa indigne impressa non est adeos. E tantas eram as injusticias que se faziam, que um homem honrado chamado Gaspar de Mendonça, senhor do exército dos Appucos, e sua povoação, vendo-se quasi desesperado de uma injusticia notável que lhe fizeram, se fez do meio da sua nova, e a altas vozes exclamou, dizendo: *Ainda estão os irmãos da Santa Casa da Misericórdia, tão zelosos das obras de caridade, e do serviço de Deus? Venham aqui*

para darem sepultura a Justiça, que morreu nesta terra, e não há quem a enterra honradamente. E o crime estimulado desta queixa feita em tanta causa; mandou chamar o tabelião Luís Marreiros e com elle fez um auto de afronta, o qual prender o sobredito Gaspar de Mendonça, e castigalo (o que fizera no dia de não escedendo). Finalmente os delinquentes iam tanto de fora em fora, que publico no pulpito, em um dia solto o Padre Fr. António Rosa da Ordem do Patristera S. Domingos, o qual havia vindo a Pernambuco por Vitor do Santo Officio; vindo o qual se passava d'esse estro palatras, vi Olinda a Holanda não há ali nada que a mudança de um l. em a. e a villa de Olinda se há de mudar a Olinda, e há de ser abraçada por holandeses antes de muitos dias, porque pois falta a justiça da terra, há de acudir a do céu. E assim o do dito Padre o amarece assim se deu em breves dias, como no seguinte capitulo se dirá.

(Valeroso Lucideno, pag. 38).

NASSAU E AS DAMAS PERNAMBUCANAS

(continuação da página 13)

sendo pai, ou irmão, porque nunca mais não se vinham assentar a nobreza; porém que aquelle favor que Sua Real Magestade lhes diera tinham ali posto no intimo de seus corações. O Principe ficou satisfeito com a resposta, e a despedida fazendo, que no despacho de sua patella fura tudo o que pusesse, e com isto se despediu, vindo-se a despedir, e logo passou um decreto em que se perdoava a morte a Dona Jeronima de Almeida, por sua cegueira, e por que tinha de Governador e Capitão General de Pernambuco, e de mais Capitães conquistados, e sujeitos aos Estados de Holanda.

(Valeroso Lucideno, pag. 133).



Página de título da primeira edição (1648) do "Valeroso Lucideno"

Por causa do "Casimiro de Abreu" de Nilo Bruzzi

O livro do escritor Nilo Bruzzi sobre Casimiro de Abreu tem provocado as mais rumorosas manifestações, tanto nos meios literários, como até mesmo em assembleias políticas.

Houve, em entrevistas acaloradas discussões acesas, trocas até de desaforos. Na Assembleia Fluminense, o deputado Moacyr de Paula Lobo, como relator da Comissão de Educação, deu um notável parecer favorável ao trabalho, porque foi aprovado. Por causa de não ter recebido voto por aquele deputado o Sr. Carlos Mauel escreveu-lhe uma carta a qual teve resposta incisiva. Essa correspondência é que passamos a publicar.

"Rio, 27-11-49. Excmo. Sr. Doutor Moacyr de Paula Lobo. Atenciosos cumprimentos. Arabe de ler, em a Manhã" dizia a cidade, a parte do seu parecer sobre o "Casimiro de Abreu" do Sr. Nilo de Freitas Bruzzi apresentado à Comissão de Educação da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Nela honrou-me V. Ex.ª com alusão ao meu livro "Casimiro de Abreu", em cujo ensino do primeiro centenário do nascimento do extraordinário cantor das "Primaveras", e declara-se insatisfeito com o seu conteúdo, pois este lhe deu ideia de coisa apressada. Devo informar a V. Ex.ª que se trata não de biografia, mas de profundidade da pesquisa que trabalho dessa natureza (digo a quem a tanto se abalua, mas apenas de conferência de penicilina para um ato comemorativo na Academia Fluminense de Letras. Não seria evidentemente, pois, a fonte indicada para a sua sede de verdade no capítulo das virtudes casimianas, muito embora eu esboce o perfil do poeta nas suas linhas dominantes de bom filho, de patriota extremado e de católico temente a Deus. O Casimiro-homem que se conhece e pensa, e um adolescente que viveu vida intelectual fugaz e intensíssima e passou daí para a morte numa trajetória que não ultrapassou um lustro. Disse tanto no meu escrito com a síntese indispensável à sua forma convencional, unicamente preocupada

com o relevo a dar à fisionomia do vate em apreço. Não veja, por isso, motivo para que entre num jogo de confrontos o que produziu com intenção definida e fora da atmosfera carregada em que se trava o atual debate. Mas, como o parecer de V. Ex.ª me envolve no assunto, desejo trazer à contenda uma palavra desapassionada. Admita-se, porém, para argumentar, que a obra do Sr. Nilo Bruzzi esteja certa. Nessa suposição pergunto: se é tarefa de um governo, à custa dos cofres públicos, fomentar a difusão de um livro cujo texto visa, abertamente, a destruir a figura moral de um indivíduo que, pelo que deixou de si impresso, se tornou alvo da admiração de contemporâneos e pósteros? Verifiquei que fosse tudo o que ali se afirma ou insinua, seria justo e razoável que o Estado pugnassem a alguma a demolição de uma criatura que ofereceu os melhores exemplos à juventude?

Teríamos, desse modo, dois Casimiros: aquele que aprendemos a conhecer e a amar através os seus versos, pure, ingenuidade, nobre, elevado, e o outro, o homem privado de defeitos que não se revela na poesia e desaparece na prosa do túmulo. Sem dúvida, o que se queria dizer contra o que meirra não pode mudar o que se escreve em beleza nas páginas de gênio legadas à posteridade. Esse suposto, deveria ser o critério do julgamento da Assembleia Legislativa no caso em questão.

Subscrevo-me de V. Ex.ª admirador e patriota

(Ass.) Carlos Mauel

A resposta do deputado Moacyr de Paula Lobo

Niterói, 8 de dezembro de 1949. Excmo. Sr. Carlos Mauel, Atenciosos cumprimentos. Antes de mais nada peço ao ilustre patriota desculpas pelo atraso da resposta à carta que me enviou em 27 de novembro último. As razões dessa demora se prendem aos afazeres que me levaram a uma ausência da capital do Estado. De atendimento à impratizável de ordem profissional.

Sou grato à atenção que teve em escrevendo-me e, desse modo, estabeleceu-se ensino para uma explicação com referência à minha conduta nesse rumoroso caso em que se contém o Sr. Nilo de Freitas Bruzzi e a Academia Fluminense de Letras, episódio que vem apaixonando uns e outros, criando, como diz, essa "atmosfera carregada em que se trava o atual debate".

Pode o distinto patriota estar certo de que não conhecia coisa alguma de Casimiro, a não ser o que a tradição nos transmitiu e que foi repetido no seu livro.

Na Comissão de Educação e Saúde da Assembleia Legislativa sou um dos mais humildes representantes. Com a responsabilidade da delegação imposta pelos meus pares, procuro sempre, correspondendo à confiança depositada no meu nome, estudando as assuntos antes de elaborar qualquer parecer. Ai estão os "Anais" para uma comprovação segun do que afirmo.

A proposição do deputado Bruzzi de Meneses tomou vulto com a celeridade levantada, onde a Academia é parte destacada, envolvendo o trabalho do Sr. Nilo Bruzzi como leucocitista. Apaixoados, por sua vez, os deputados Alberto Torres e Afonso Celso, transportando-se o debate para as colunas dos jornais e revistas da capital da pais em reportagens com certo sabor de sensacionalismo, empolgando, também, a opinião pública, como ninguém ignorar.

A minha responsabilidade de relator do projeto cresceu em consequência do desmoronar das antecedenções.

Constantemente o meu colega Alberto Torres adiantava-me a parecer. Respondia-lhe sempre que estava entregue ao estudo do assunto. Certo dia, falei-me e ardorosos deputados sugeriu que iria pedir a inclusão do projeto Bezerra de Menezes na pauta dos trabalhos, em regime de urgência. Apreciei, assim, a confissão do parecer que confesso, não é dos melhores, levando-se em conta a importância de assunto e os apressados meios literários do relator.

Conversando com um amigo a propósito do caso, logo me lembrei da contenda, e explicando a minha dificuldade quanto a dados referentes à personalidade de Casimiro de Abreu, aconselhei-me a leitura do livro de V. Ex.ª, como um trabalho capaz de orientar-me, dizendo que o mesmo havia saído a lume por ocasião das comemorações do centenário do poeta.

em 1939, editado pelo governo fluminense e provido com Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros) pelo mesmo governo.

Ignorava eu o trabalho do prelado patriota apressado, um panegírico, um discurso e não uma biografia, como assevera na carta que me enviou.

Procurava eu, de fato, "uma fonte que satisfizesse a minha sede de novidade no capítulo das virtudes casimianas".

E quem não tem essa sede? Certo, mesmo, que até V. Ex.ª a possui, dando o empenho que vem demonstrando na luta que se fez na imprensa do país, onde o ilustre acadêmico se bate com êxito na investigação da verdade sobre Casimiro. Fiquei realmente surpreendido com o trabalho de V. Ex.ª e daí, naturalmente se ter consultado sobre o mesmo como sendo uma obra apressada.

Dando que declara que foi, apressado, um discurso, um panegírico e não uma biografia, e que escreveu o mesmo com intenção definida, não mais tenho que fazer senão anotar as palavras de V. Ex.ª.

Assevera V. Ex.ª que "não é tarefa de um governo à custa dos cofres públicos, fomentar a difusão de um livro cujo texto visa, abertamente, a destruir a figura moral de um indivíduo que, pelo que deixou de si impresso, se tornou alvo da admiração de contemporâneos e pósteros".

Discordo e me explico.

Afirma Saint-Benoit que "a verdade sobre os homens como sobre as coisas é difícil de ser encontrada, e uma vez encontrada não é mais fácil de ser conservada". Certamente se referia Saint-Benoit à verdade que não está sujeita a uma prova objetiva.

No caso Casimiro a verdade está, precisamente, dentro do conceito objetivo porque as coisas são evidentes. Documentos não mentem.

E preciso também, que se leve em consideração o contexto atual da biografia.

Mauvols não escrever a vida de Byron fez, no prefácio, esta observação: "Uma vida de Byron não é um estudo crítico sobre o valor poético, ou sobre a influência de Byron".

Neste ponto é que V. Ex.ª está errado e não se acha concorde com todos os que têm tratado do assunto.

Hoje em dia o conceito de biografia muito se modificou. Não ignora V. Ex.ª, talvez que a chamada "biografia moderna", ou "romancada", venceu em nossos dias. Essa obra da literatura triunfou de tal maneira

que Humberto de Campos chegou a declarar ser "um dos gêneros atingidos mais profundamente pela revolução que se vem desencadendo no mundo das letras".

Alvaro Lima, uma das expressões da crítica contemporânea mostrou, em um de seus ensaios, que o biógrafo a exemplo do que ocorre com o historiador, deve ter sempre as mãos limitadas pela preocupação da verdade, da exatidão e da justiça.

Quem faz crítica não pode fugir ao mesmo imperativo.

E é, justamente, a verdade que nos preocupa, todos, no momento.

Seria incapaz de falseá-la, e como relator, procurei investigar, para ser justo na meu parecer.

Lá o trabalho do Sr. Nilo Bruzzi e confrontei o seu documentário, e igualmente, com a devota leitura dos discursos dos deputados Alberto Torres e Afonso Celso.

Devo a leituras acuradas, praticar penetrar no emaranhado de contradições e dos comentários de Casimiro para tirar alguma coisa que dê ideia de fato a verdadeira alma da porta de "As Primaveras" e pudesse enxergar o meu Juízo imparcial.

Os preceitos de V. Ex.ª, sobre, se tornam contraproducentes nas investigações, o que leva a ver as coisas unilateralmente. Foi o que aconteceu à Academia, que se apega acriticamente à tradição.

O crítico, por sua vez, não se pode ter.

Certamente, o ilustre patriota não desconhece o episódio do príncipe Napoleão que contradizava o "Napoleão" escrito por Thiers. Lembramos, porém, que o próprio Napoleão é muito maior no livro do seu destruidor do que no do seu apologista. Por ventura o Casimiro do Sr. Nilo Bruzzi não é grande? Que mal existe em se dizer algo da sua conduta privada? Para Jacobson, esse admirável autor de *Niels Lyhne*, "o homem e um misto de perseguições e imperfeições de bem e de mal, de beleza e fealdade, mas todo ele — pois mesmo a fealdade e a maldade, vistas de um plano superior, têm qualquer coisa de patético, uma espécie de lirismo trágico e dramático — é infinitamente poético".

E preciso que se saiba que o biógrafo moderno tem por obrigação examinar todas as faces e particularidades da vida e da alma do biografado e não como outrora se fazia, em que se estudava um homem focalizado, apenas, as suas virtudes. Hoje, (Cronista na página 21).

Três historiadores da guerra do Brasil com a Holanda

Nasceu em Lubao, a 22 de dezembro de 1909, e era filha de Jorge de Albuquerque Coelho. Foi o 4.º donatário de Pernambuco. Lutou contra os Holandeses em Pernambuco e na Bahia. Residiu na Espanha, e foi ali que redigiu as suas *Memórias*. Saída a edição, foi em grande parte

suprimida pelo governo espanhol, o que a tornou muito rara. Faleceu em Madrid, a 24 de setembro de 1698.

Escreveu: *Memórias diárias da guerra do Brasil, por discurso de guerra anos empacando desde o de 1630. Escritas por Duarte de Albuquerque Coelho.*



Venda de escravos na época de Nassau

Marquês de Basto, Conde e Senhor de Pernambuco, de las villas de Olinda, San Francisco, etc. — Madrid, DD. de la Carrera, 1694. In 4.º 8-297 págs.

— Está traduzida: *Memórias diárias da guerra do Brasil, por espaço de 9 anos, começando em 1630, detestadas da que escreveu o Marquês de Basto, Senhor de Pernambuco. — Rio de Janeiro — 1949 — 172 págs. — É feita em colaboração com Melo Moraes e Indalecio Acioli.*

Diz José Honório Rodrigues sobre esta tradução: "É indigna do apelo pelos seus erros e omissões". *História e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil*, pág. 223.

— *Memórias Diárias da Guerra do Brasil — 1639-1638. — Recife, 1944 (Secretaria do Interior) XXIV — 330 páginas.*

Três uma nota explicativa, assinada por Arnaldo Tenório Vanderlei, que era ao tempo diretor da Secretaria do Interior de Pernambuco.

RAPAEL DE JESUS

Nasceu em Guimarães, Portugal, em 1614 e foi beneditino. Teve os cargos de procurador e abade em vários mosteiros da Ordem. Por alvará de 11 de novembro de 1681, foi nomeado cronista-mor do Reino. Faleceu no convento de S. Bento de Lisboa, a 23 de dezembro de 1689.

Deixou três volumes de *Sermões* (1674, 1688 e 1689); e mais: *Casimiro Lusitano — Parte 1.ª. — Entressa de motivos e Restauração de Pernambuco e das capitais confinantes, cartas e belicistas successos entre portugueses e belgas, acontecidos pelo discurso de 24 anos, e tirados de notícias, relações e memórias veras, oferecidas a João Fernandes Vieira, oferecidas a João Fernandes Vieira, por António Crasbeck da Mota, 1679. Fol. com o retrato de João Fernandes Vieira.*

— *Casimiro Lusitano, ou história da guerra entre o Brasil e a Holanda, durante os anos de 1624 a 1654, ter-* (Cronista na página 21).

AÇUCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de Melhoresamentos
em Pernambuco

ESCRITORIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257
RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO
PERNAMBUCO

Correspondência de João Ribeiro

CARTA DE JOÃO RIBEIRO A JOSE VERISSIMO

Amigo dr. José Veríssimo
Saudes,
Neste momento, receber a sua carta para representar o Conselho Nacional (Externo) na manifestação que se fará no dia 25 de maio, em homenagem ao seu centenário. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.

João Ribeiro
Rio de Janeiro, 20 de abril de 1894.

II

Amigo dr. José Veríssimo
Saudes,
Neste momento, receber a sua carta para representar o Conselho Nacional (Externo) na manifestação que se fará no dia 25 de maio, em homenagem ao seu centenário. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.

III

Amigo dr. José Veríssimo
Saudes,
Neste momento, receber a sua carta para representar o Conselho Nacional (Externo) na manifestação que se fará no dia 25 de maio, em homenagem ao seu centenário. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.

IV

Amigo dr. José Veríssimo
Saudes,
Neste momento, receber a sua carta para representar o Conselho Nacional (Externo) na manifestação que se fará no dia 25 de maio, em homenagem ao seu centenário. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.

V

Amigo dr. José Veríssimo
Saudes,
Neste momento, receber a sua carta para representar o Conselho Nacional (Externo) na manifestação que se fará no dia 25 de maio, em homenagem ao seu centenário. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.

VI

Amigo dr. José Veríssimo
Saudes,
Neste momento, receber a sua carta para representar o Conselho Nacional (Externo) na manifestação que se fará no dia 25 de maio, em homenagem ao seu centenário. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.

VII

Amigo dr. José Veríssimo
Saudes,
Neste momento, receber a sua carta para representar o Conselho Nacional (Externo) na manifestação que se fará no dia 25 de maio, em homenagem ao seu centenário. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.

VIII

Amigo dr. José Veríssimo
Saudes,
Neste momento, receber a sua carta para representar o Conselho Nacional (Externo) na manifestação que se fará no dia 25 de maio, em homenagem ao seu centenário. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.

IX

Amigo dr. José Veríssimo
Saudes,
Neste momento, receber a sua carta para representar o Conselho Nacional (Externo) na manifestação que se fará no dia 25 de maio, em homenagem ao seu centenário. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.
Sabe que sou republicano e liberalista, e que sou de um país que não tem a menor ideia de liberdade de imprensa. Mas a verdade é que a manifestação não passa de um pretexto para aproveitar a ocasião para expor o meu artigo e vergar os outros tempos.

Todas as cartas que mando daqui mandando para a semana que não é dirigida a qualquer do Rio.

Ades.

Abraço ao velho amigo

João Ribeiro

Endereço: Tuihensstrasse, 8.

Caro Lúcio

Berlim, 4 de agosto de 1895

Saudes aos teus filhinhos

Recebi tua carta e fiquei muito contente

Logo depois o amigo do Ministério

Agradeço-te muito a tua carta

o teu amigo Tenente Ribeiro o luto

reze que tomaste pelo meu pedido

Prezando aqui demorou-me um

ano inteiro. Quero voltar a Alemanha

disciplinada. Vozes todos são amarelos

chistando. Estes quando eu estou

Lustado, único sinal de juízo que

mostram. Portugal é o único inimigo

da nossa literatura, e o maior da

nossa política consciente ou inconsciente

entretanto; mais por inconsciência

porque esse aspecto é vulgar na

burras.

Não tenho prevenção nenhuma

contra o velho, que quer o Brasil

e que está hoje a boia-mar coberto

de... e de ingenuidade.

O Valentim deve ser enforcado, ao

menos em efígie e numa sessão do

Rio de Janeiro. A isenção de Portugal

é tão grande que todo esse conflito da

língua da Trindade está preparado

para se lhe dar a arbitragem. Não

pode haver briga mais importante

sem servilismo tão grande diante dos

lúgubres.

O tal nosso irmão, o quebrei E

talvez o Brasil se torne para abito!

Recebi ontem uma carta do Max;

éve comunicada o que lá é.

Resolvi fazer com que minha fa-

mília venha para Berlin. Aqui pode-

mos viver perfeitamente bem; mo-

desta mas confortavelmente. A vida

é aqui muito barata.

Ades. Da lembrança a todos as

meas amigas e um abraço de

João Ribeiro

Amorável escrever ao Arraio.

IV

Hannover, 15 de outubro de 1895.

Caro Lúcio

Saudes, e saúde e saudades a todos.

Recebi tua carta em que me parti-

cipias o teu desejo de mais um filho

da 2ª série — pelo que te felicito

multissimamente.

Ca estou na 1ª série ainda, porém

não trativo.

Ades. pois a resposta à tua cari-

ta não pôde ser dada para responder

ao teu desejo de mais um filho da

2ª série. Vem, que nasceu um

menino o que é uma lindíssima (Parece-

se comigo).

Pela respecta do Cesário avião

o que não terás dito.

Cravo que continuará aqui por mais

um ano ou dois ou quem sabe três.

Recomendamos de minha Bra-

para tua sala e para ti.

A tua ex-ni Bra. de minhas sauda-

ções e filiações.

E tu dá-me um

abraço a todos do

João Ribeiro

Meu verdadeiro endereço é

Berlin, — Tuihensstr. 8.

V

(Posta)

Lúcio

Há seis mil anos que não leio uma

linha tua. Para tanta distância só

me dá a Eva. Já te comunico que

venha dirigir aqui o Novo Mundo por

impulso de alguns micróbios que

trouxo da semana, e que obrigam a

fazer folha literária.

Ped. o teu romance que não é co-

nhecido como deve ser e que quero

publicar na folha. Eu tinha um

exemplar que ficou com os outros

meus livros no Brasil no caixa —

cois pontos intransmissíveis.

Manda-me versos, manda o que

quiseres, exceto política e assuntos do

tribunal.

O agente do Novo Mundo é o Vila

Nease R. do Rosário.

O Max é o meu agente literário —

bom emprego que lhe arranjo agora.

Ades. Ades. João Ribeiro

Berlin, 14 de dezembro de 1895.

Hannoverstrasse, 1 — 1 Trepp.

VI

Exm. Sr. dr. Lúcio de Mendonça

A V. V. cumprimenta e pede o

seu prestígio apelo e voto na pró-

xima eleição de membro da Aca-

demia Brasileira de Letras.

João Ribeiro

Rio, 4 de maio de 1898.

VII

R.º 12 de outubro de 1903

Para Lúcio

Deixei na casa Rembrandt (rua

G. Dias) uma pequena painagem que

lhe ofereço.

Pague a moldura.

Do seu

João Ribeiro

A GRAÇA ARANHA

I

Paris, 18 de junho de 1901

Caro amigo Graça Aranha

Saudes e a tua exultância fami-

liar.

Estou ainda aqui e estarei talvez

até o dia 22. Por prevenção, porém,

peço-te que mandes todas as minhas

cartas sob envelope novo para o

Brasil (rua do Oriente 8) porque é

possível (pouco provável) que parta

no vapor de 20; em todo o caso no

dia 25 ou 26.

Estive ontem todo o dia com o

Nabuco. Almoçamos e jantamos junto

e guardo dele sempre a impressão que

me produz forte e saudável.

Bem que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

bem) que fosse aqui melhor (muito

Não era sem motivo que Cesário

torrava o caminho mais comprido,

entrando em ruas laterais, alongando

curvas, dando a si próprio uma ilu-

são de paurosa, quando devia, com a

sua disposição metódica das coisas,

seguir diretamente para o escritório.

Esse dia, ao passar em frente à

casa verde, n.º 62, muito sua conhe-

cida, parou alarmado. Alvoa crepes

deitando nas janelas. Uma peça no

telão da sala. Seria para a moça mo-

rena, de olhos verdes? Ou para a

outra, a pálida, a que ele amava em

segredo e sem desejo só com esse

enlevo de olhar que se têm pelas

estampas?

Um sujeito tomou lá dentro e Cesá-

rio, acabado, afastou-se, levando a

BERNARDO VIEIRA RAVASCO

Nasceu na cidade da Bahia, em 1817, e era filho de Cristóvão Vieira Ravasco e de d. Maria de Azevedo. E o irmão mais moço do célebre Padre Antônio Vieira.

Estudou na Bahia, em dois irmãos no Colégio dos Jesuítas da Bahia. Seguiu Bernardo a carreira das armas. Em 1838, entrou para o Exército Brasileiro pelo Príncipe Maurício de Nassau tomou parte na luta contra os holandeses. Em Ilaparica, na batalha contra as forças do general Siqueira, foi ferido, e, em consequência, reformado. Em recompensa aos seus serviços, deu-lhe o governo a nomeação de secretário de Estado da Guerra no Brasil e o título de comendador da Ordem de Cristo.

Em 1851, embora já afastado do serviço ativo, tornou a entrar na luta tomando, dentro de terrível empenho, uma frágil causa, para se opor ao mestre de campo Nicolau Arcin. Evitou assim que quatro naves holandesas se apoderassem de engenhos de guerra portugueses.

Dizem alguns de seus biógrafos que ele foi alcaide-mor de Cabo Frio.

Na Bahia entrou em luta com o governador geral Antônio de Sousa Menezes, que o prendeu, sob a acusação de que Bernardo pretendia assassiná-lo. O acusado conseguiu, afinal, provar sua inocência sendo libertado o acusado.

Faleceu em 20 de julho de 1897, dois dias depois de Antônio Vieira.

Escreveu:

— *Poesias portuguesas e castelhanas*. — 4 vols.

Foram publicadas muitas delas, em números de revistas ou em coleções de poesia, como a *Fênix Renascida*, o *Parnaso Brasileiro*, de Pereira da Silva, etc.

— *Descrição topográfica, ecclesiastica, civil e natural do Estado do Rio de Janeiro*.

E um manuscrito a que Barbosa Machado teve grandes louvores.

— *Discurso político sobre a neutralidade da coroa de Portugal nas guerras presentes das coroas da Europa*, e sobre os danos que da neutralidade podem resultar a esta coroa e o como se devem e o podem obter.

— Feito em 18 de julho de 1892.

Na exposição de história pátria, feita na B. Nacional em 1881, foi exibida por d. Antônio R. de Carvalho uma cópia moderna, in-fol., de 13 páginas. Figura com o n.º 5.845, no Catálogo da Exposição, de Ramiz Galvão.

— *Remédios políticos, com que se curam os danos que no discurso antecedente se propõem*. Bahia — 10 de junho de 1833.

— *Idem*, de 16 folhas, pertencente ao Instituto Histórico — Figura no Catálogo de Ramiz Galvão sob o número 5.846.

Como poeta, Bernardo Vieira Ravasco tinha sua preferência pela meditação, e não estaria longe de colocá-lo em nossa poesia nos caminhos de uma fila na qual haveria de vir a repulcra com uma luz inconfundível Raimundo Correia. A maneira de apresentação dessa tonalidade, como quer

FONTES SOBRE BERNARDO VIEIRA RAVASCO

ARTEAGA — *História da Literatura Brasileira*, 1 vol., pág. 477.

BARBOSA MACHADO — *Biblioteka Lusitana*, 1 tomo.

BAZILHA (J.) — *Literatura Brasileira*, 134.

BENTO MÉRILA — *Antologia Brasileira* — *La Renascença* (Bahia) 13-12-1894.

CHICHARRO DA GAMA — *Miniaturas biográficas*, pág. 17.

CHICHARRO DA GAMA — *Breve dic. de autores clássicos*.

FERNANDES DENTIS — *Resumê de l'histoire du Portugal et du Brésil*. *Jornal do Brasil*, 6-1-1950.

JOSÉ VERISSIMO — *História da Literatura Brasileira*, pág. 66.

FRANZ DE SILVA — *Os jardins ilustres do Brasil*, 2.º vol.

FRANZ DE SILVA — *Parnaso Brasileiro*, tomo primeiro.

RAMIZ GALVÃO — *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, 1.º vol., n.º 5.845 e 5.846 (Anais da Biblioteca Nacional).

SACRAMENTO BLAKE — *Dicionário biográfico*, primeiro volume.

VIANEZA — *Dicionário biográfico*, 2.º volume.

WOLF (F.) — *Littérature Brésilienne*, 1.º

que seja filosófica, ao seu estilo, aqui findo um dos seus trabalhos mais característicos — um soneto seguido de glosa.

SONETO

Breves horas de meu contentamento,
Nunca me pareceu, quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão azeithas.
Em tão cumpridos anos de tormento
As minhas torças que fundei no vento,
O vento as levou, que as sustinha:
Do mal, que me ficou, a culpa é minha.
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento,
Amor com falsas mostras aparece:
Tudo possível faz, tudo assegura,
Mas sempre no melhor desaparece.
Ahi triste fado! Ah grave desventura!
Por um pequeno bem que se desfalece
Aventurar um bem que sempre dura.

OITAVAS GLOZADAS AO SONETO

Esperar e esperança é morte amarga,
E só força de puro amor se atrive.
Em cura ausência a tão penada carga,
Que no nome de amor se torna leve:
Nunca me pareceu, que de tão longa
Esperança tirasse um bem tão breve,
Pois foram as que se foram, como o vento,
Breves horas do meu contentamento,
São os gostos de amor imaginados,
Muito grandes sempre e ficam mil pequenos,
Quando por tempo vem a ser gozados.
Porque costuma o bem ser sempre menor:
Nunca me pareceu, gostos passados,
Que assim vos acabasse, pelo menos
Que vos mudasse em desgraça minha.
Nunca me pareceu quando vos tinha,
Nunca me pareceu, glórias passadas,
Que passasse com o bem que vos seguia
Com suspiros e ais, e com cançadas
Lágrimas, que das olhos vão caindo:
Nunca me pareceu, ventos passados,
Horas causa do mal, que estou sentindo,
No tempo, em que com ter-vos me mantinha
Que vos visse mudadas tão azeithas.
Nunca me pareceu, que tanta glória
Se convertesse em mal, e que eu o vira;
Dera meus gostos fin, e dista história:
Sempre me lembro, sempre a alma suspira:
Se perderei com vós a minha vida,
Não me lembrarei mais, não o sentirei:
Mas ficou-me com ela o sentimento,
Em tão compridos anos de tormento,
Nunca me pareceu, que me custasse
Tanto alcançar-vos e depois de ter-vos
Nunca recuou, que cherrasse
Com o tempo vario o tempo de perder-vos:
Cuidei que sabia bem nunca acobasse,
Não soube no princípio conhecer-vos
Mil lágrimas me custa um desengano,
As tuinhas torças, que fundei no vento,
Quando fingia, a tudo assegurava,
De nada me temi, vendo-me posto
Aonde em quanto a alma se elevava
Dava final de bem, de glória e gesto,
Ata quanto mais a vista se empregava
Na falsa luz do bem, o vi tão claro,
Que as falsas causas desta glória minha
O vento as levou, que as sustinha,
Mil noites padeci de ausência dura
Por um só dia, que, amanhecendo,
Logo a sombra senti da noite escura,
Que veio antes de tempo anteceder:
Quão tarde chega um bem, quão pouco dura
A vista de meu mal, que me desencedei,
E pois não vi o mal, que depois vinha
Do mal, que me ficou, a culpa é minha.
A culpa minha é, e bem poderei
Culpar do breve tempo a brevidade:
Foi breve aquilo, se outra tal viera,
Perdida do mundo a saudade:
Tão saudoso do bem figura, que dura,
Se minha fora a minha brevidade,
Pelo tornar a ver, mas brado ao vento,
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento,
Que amor acende, e já acedo apuro,
De que me desencedei um acidente:
Que na perda do bem se sente o dano,
Se não se perde a vida juntamente:
Não queria bem, quem não quer o desengano,
Não há mal maior, que o bem, que é aparente
E se é mal grande o mal, que bem parece,
Amor com falsas mostras aparece:
Segui amor onde me guiava,
Mostrou-me não sei que, que ainda desejo:
Mas se era cego, como me mostrava,
Ou como então não via o que ora vejo!
Vi, e não vi o mal, que me desencedei,
Porque quem vai levado de um desejo
Que amor acende, e já acedo apuro,
Tudo possível faz, tudo assegura,
Tudo assegura, tudo facilita,
Impossível por própria natureza:
Com vozes mudas a razão nos grita,
Não queremos ouvir, depois nos pesa:
Esperança adormece infinita,
Não mais que por seguir a falsa empresa
Que um tesouro de bens nos oferece
Mas sempre no melhor desaparece,
Já passaram por mim estas verdades,
Mas ainda tenho saudade delas:
Não sei que força esta é ter saudades
De coisas, que não há para que té-las?
Sei o pior do entre as limitações
E logo torna a dar ao vento as velas,
Deixando pelo mar, terra seguir-se
Ahi triste fado! Ah grave desventura!
Nada trágica da vanagloria humana
Nunca entra o bem: o mal sempre é figura;
E só com isto enfim nos desencedei,
Que um voluntário mal nunca tem cura:
Quem nos leva iras si, quem nos engana
A aventurar o bem, que se acurra,
Se amor é o menor mal, a que se oferece
Por um pequeno bem, que se desfalece,
Por um pequeno bem que vem agitado,
Por tão pequena luz, que logo morre,
Aventurando um bem, que aventurado
Por tantos passos tantos riscos corre:
Foi louco o pensamento, mas forçado,
Um pensamento meu, que não se corre,
Por glória, que não tem glória segura,
Aventurar um bem, que sempre dura!

SAMUEL PUTNAM

Samuel Putnam faleceu nos Estados Unidos, vítima de uma doença cardíaca, quando contava 87 anos de idade. Era o mais crente, o mais entusiasta e o mais sincero dos admiradores da literatura brasileira.

Formara-se desde cedo na boa escola dos estudos latinos e dedicara intenso amor aos temas franceses, aos espanhóis e aos portugueses. Foi o tradutor de Cervantes, paciente e minucioso escavador de assuntos lusitanos.

Tudo isso, porém, era como que o preâmbulo, a preparação para uma paixão mais intensa e mais abstrata: a paixão que ele fez ter pela literatura brasileira. Depois de certo tempo, com efeito, passou ele a viver num clima de pensamento e meditação brasileira. Tornou-se o tradutor de uma das obras clássicas do nosso País, "Os Serões" de Euclides de

Cunha que Putnam traduziu com o título de "Rebellion on the Backlands". Essa versão de Euclides é, sem favor, um prodígio. Basta dizer-se que o tradutor encontrou o correspondente científico de cada número da nossa flora e da nossa fauna que o grande escritor deixou em suas páginas. Depois de "Os Serões", abaloiçamos de a outro entendidíssimo e considerado, traduziu a "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre.

Foi esse amigo — verdadeiro, leal, versado, pronto que fez, em 1947, a sua viagem ao Brasil. Aqui deu uma série de conferências na Faculdade de Filosofia, com freqüências essas em que fazia agudos e sábios paralelos entre escritores americanos e escritores brasileiros. E foi então que recebeu a honra que todo do Brasil lhe conquistou tão

distintos e apaixonados estudos: o título de membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

De regresso aos Estados Unidos publicou um livro de grande importância para nós: uma história da literatura brasileira. E nela ficaram entalhados seus agudos e excelentes juízos. Agora mesmo estava ele ultimando um outro livro relativo ao nosso País: uma considerável antologia, em que selecionava, para o mundo inglês, tudo o que de melhor no terreno literário tem produzido os brasileiros, a partir de 1918.

Foi esse amigo — verdadeiro, leal, amoroso — que o Brasil teve agora a desventura de perder. Guardemos, porém, no mais íntimo de nossa gratidão, o nome desse devotado estudioso, que tanto apressou a luz as excelências do nosso espírito e da nossa sensibilidade.

BANCO DO BRASIL S.A.

1808 — 1949

Sede — Rua 1.ª de Março, n.º 66, Rio de Janeiro (DF)

TAXAS DE DEPÓSITOS

Depósitos sem limite	2 % a.a.
Depósitos populares:	
Limite de Cr\$ 10.000,00	4 1/2 % "
Depósitos limitados:	
Limite de Cr\$ 50.000,00	4 % "
Limite de Cr\$ 100.000,00	3 % "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4 % "
Por 12 meses	5 % "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3 1/2 % "
Por 12 meses	4 1/2 % "
Depósitos de auto prêmio:	
30 dias	3 1/2 % "
60 dias	4 % "
90 dias	4 1/2 % "

Letras a prêmio (selo proporcional)

Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo.

O Banco faz todas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc., e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua 1.ª de Março n.º 66, as seguintes:

Bandeira, Rua Maria e Barros n.º 44 — Botafogo, Rua Voluntários da Pátria n.º 449 — Campo Grande, Rua Campo Grande n.º 100 — Copacabana, Avenida Nossa Senhora de Copacabana n.º 1.282 — Olinda, Rua do Catete n.º 226-A — Madureira, Rua Carvalho de Sousa n.º 259 — Méier, Avenida Amaro Cavalcanti n.º 95 — Ramos, Rua Leopoldina Rego n.º 78 — São Cristóvão, Rua Figueira de Melo n.º 360 (esquina da Rua S. Cristóvão) — Saúde, Rua do Livramento n.º 53 — Tijuca, Rua General Roca n.º 661 — Trindade, Avenida Gomes Freire n.º 20/22.

Além das operações normais, a Agência Metropolitana da Glória está habilitada a receber depósitos fora das horas de expediente, quer durante o dia, quer à noite, utilizando-se do Receptor Automático instalado na referida Agência, e a Metropolitana de Copacabana oferece, mediante acordo, mediante acordo, mediante acordo, para guarda de valores (títulos, jóias, etc.) em casa forte dotada de moderno equipamento.

Por causa de Casimiro de Abreu, de Nilo Bruzzi U L A L U M E

EDGARD ALLAN POE

(Tradução de Fernando Pessoa, rítmicamente conforme o original)

(Conclusão da página 18)

no se tratar de uma personalidade, não se de estabelecer um retrato, como se decaia Luis Viana Filho, "desconhecido" (tal como fôra, com as suas tendências, as suas vacilações ou até os seus vícios, e também a sua grandeza).

Obteve-se, assim, um homem sob todos os seus aspectos, rompendo todos os preconceitos e apagando todas as fronteiras entre o "homem público" e o "homem privado".

Luis V. é o propósito de Bismarck, diz o indivíduo e o homem político, não hesitantes, seus sentimentos e seus atos se subordinam a uma nova vida privada e sua vida pública se desenvolvem simultaneamente, formando um todo com o auxílio de elementos fornecidos pelo pesquisador: tal é o dever do artista.

Ver que V. Ex.ª somente se preocupou com os aspectos parciais da individualidade de Casimiro e se enfiou no interior de que não deceria que a investigação a complexidade da alma do grande vate fluminense. Alas é o ponto de vista da Anadmiria, quando antes anteriormente, e o espólio pelo deputado Alberto Torres.

Acho que se deve procurar a verdade onde ela esteja e bem assim mostrar "a fisionomia do homem", como escreve Mirykovsky, a fim de que seja permitido "olhar a alma". Tal é o objetivo de toda biografia.

Luis V. traçou o perfil de Casimiro, escreveu "o melhor do que em Casimiro, Colírio ou Achillida", e em um mesmo livro encontrou-se com um curta e um longo, em uma crítica, em um ensaio sobre o granito, na expressão dos seus olhos, em um retrato, no gesto de um adeus, ou na forma de uma assinatura.

Diz a nota Luis V. Ex.ª: "Assim, encerrando a biografia moderna, lançando mão de todos os elementos no seu alcance, para realizar obra, que nos faça compreender todos os aspectos da personalidade e da sua vida, a biografia antiga ora se amarrava a moral, a crítica, ou ao econômico, ora considerava seu objetivo traçar apenas perfil de biografia, considerando como personagens históricas e

não como ser humano do qual aquele teria apenas uma faceta".

Whitman, falando a Traubel, seu futuro biógrafo, advertia: "Um dia escreverei sobre mim; tomei cuidado em escrever honestamente e de qualquer forma não me embelzei. Colocar todas as minhas blasfêmias, meus defeitos, e minhas penas. Muito detestei a biografia em literatura porque ela não é verdadeira... Vede meus vícios nacionais: como são corrompidos por mentiras, qual creem poder embelazar o trabalho de Deus todo poderoso, e põem pequena nota suplementar aqui, outra ali, mais outra aqui, depois uma nova acção, até que o homem verdadeiro se torne irreconhecível".

Alinda, mais uma vez abusando de Luis Viana Filho, cito-lhe um trecho: "O que há, portanto, a concluir é que, como consequências da própria complexidade da alma humana serão inevitáveis as divergências entre os que tentem estudar qualquer vida".

E o biógrafo de Rui Barbosa conclui: "Divergências entre críticos e biógrafos, e entre biógrafos e biografados. Divergências úteis necessárias; e das quais poderão decorrer maiores conhecimentos e maiores aproximações: relação a relação, sobre a existência de qualquer ser humano. Mas, das quais, salvo em relação aos fatos objetivamente comprovados, deverá ser afastado qualquer dogmatismo".

Como vê V. Ex.ª, o trabalho de Sr. Nilo Bruzzi não é, assim, uma aberração, uma monstruosidade, como quer o dogmatismo da Academia Fluminense.

Não desejo entrar em mais detalhes, pois, esta já vai longa.

Para terminar mais um comentário e este relativo às últimas palavras da carta de V. Ex.ª.

V. Ex.ª foi membro ilustre da Assembleia. Sabe como trabalham os Sr. deputados.

Acredito que o ex-parlamentar fluminense que, com tanto brilho desempenhou o mandato conferido pelo povo da Velha Província, não tem os atuais componentes da Assembleia na conta de exceção. Isto digo, sem que haja qualquer desaire, pois, as

palavras podem ter dupla significação.

Cada um de nós é detentor de pontos de vista pessoais e não podemos impor as nossas idéias aos que encaram as coisas por prismas diferentes.

O gênio consiste no poder meditativo, e na qualidade intrínseca do espetáculo reflexivo", escreve Proust. O mundo exterior é a oportunidade para, pensar, e a base que se move o pensamento. Daí, o servimo-nos do que observamos como um instrumento. Vemos, ouvimos, sentimos e depois damos uma forma nossa, uma interpretação nossa, pessoal.

Es é razão de ser do meu parecer.

Mas o que importa acentuar é o seguinte: o critério de julgamento da Assembleia Legislativa, no caso em tela, isto é, na análise dos fatos, diz-se da opinião pessoal do relator, e não de argumentos ou suespecta-las.

A Academia formulou um libelo acuratório, reforçado pelos discursos do deputado Alberto Torres.

O deputado, Afonso Celso contraditório a seu colega.

Ora, um parecer não deixa de ser um julgamento crítico e este deve estar adscrito às normas do bom senso, examinando os "prós" e os "contra". Da questão, sem civa de parcialidade e com honestidade: Assim procedi, emitindo minha opinião, depois de haver mergulhado como se fosse um acadêmico, em um oceano tenebroso e hostil, de erros e preconceitos.

Tive em mente o que escreveu Bergson, quando enalutava uma das técnicas para definir o caráter de uma pessoa. Enumerava ele o que cada pessoa preferia, mas, também, e sobretudo, preferia o que ela não preferia.

Numa proposição como a do deputado Bezerra de Menezes, o trabalho do relator não podia deixar de ser idêntico ao do crítico literário e o labor deste não consiste apenas, em enumerar as características do trabalho e netar de plano a argumentação de uma das partes. Consiste, também, e principalmente, em apontar as falhas desse mesmo projeto.

Se V. Ex.ª conhecesse a íntegra do meu parecer, certamente, não teria suscitado o critério de julgamento da Assembleia no tão rumoroso caso.

Resta, pois, aguardar a decisão do plenário.

Sinceramente o

(ASS.) MOACYR DE PAULA LOBO

Três historiadores...

(Conclusão da página 18)

minada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitânias confinantes. Nota edição dedicada a S.M.I. o senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil. Ornada com o retrato de João Fernandes Vieira, e duas estampas históricas. Paris, publicada por João Pedro Alband, Imp. da Viúva Dondey-Dupré 1844. 8.º gr. de XXXII-605 pag.

Esta edição foi organizada por Cactano de Moura, que a emendou e reduziu. Não tem merecido o louvor dos estudiosos.

História da guerra dos holandeses. Em latim. É uma tradução livre do *Castrillo Lusitano*, figura, em manuscrito, na Exposição de História do Brasil organizada pela Biblioteca Nacional. Figura no respectivo catálogo, sob o n.º 10.612.

FRANCISCO DE BRITO FREIRE

Nasceu na Vila de Coruche, cerca de 1620 (pelos cálculos de Inocêncio). Foi capitão de cavalaria, Governador da praça de Jerumenha no Alentejo; e por duas vezes alcaide da Armada Portuguesa no Brasil. Foi nomeado para conduzir o rei D. Afonso VI para a ilha Terceira, não aceitando o cargo. Faleceu em Lisboa a 8 de novembro de 1692.

Escreveu:

— *Nova Lusitania, História da guerra brasileira, Década primeira.* A paráfrase alma e saudosa memória do príncipe D. Teodósio. Lisboa, por João Gálvez 1675. fol. de XVI-460 VII-64 pag. e no fim um índice sem numeração. Tem além do rosto impresso, um frontispício gravado em chapa de metal.

A década segunda, (diz Inocêncio), ou devia conter a restauração de Pernambuco, diz-se que ficara imprimeira por morte do autor, e nunca se imprimiu. Na primeira se descrevem as guerras contra os holandeses até o ano de 1638.

— *Relação da viagem que fez ao Brasil a armada da Companhia, ano de 1655.* Lisboa, por Henriques de Oliveira 1697. — Foi depois incorporada no fim da obra antecederente.

— *Viagem da Armada* — Edição comemorativa do tricentenário da restauração de Portugal — Publicação do Instituto Histórico e Geográfico de Santos — S. Paulo, 1940.

Muelo Leão.

Arcangelus de Guimarães

Arcangelus de Guimarães era irmão de Alphonsus de Guimarães e foi também um poeta de encanteira sensibilidade. Os seus poemas de vida o impediram de publicar livro. Sete versos ficaram perdidos em jornais e revistas efêmeras. E enquanto ao grande e doce Alphonsus se foi hoje uma glória indisputada e inextinguível, Arcangelus penetra cada vez mais nos trópicos da obscuridade, do esquecimento do silêncio. Convém, entretanto, recordar sua simpática e meiga figura — e erguer, ao lado do monumento do seu illustre irmão, um baixo-relevo que, embora modesto, evoque o seu talento de poeta e a sua arte comovedora, tão imortalizada das combinações crepusculares e das simbólicas considerações quânticas das simbolistas.

Poeta impregnado de fundas correntes simbolistas, Arcangelus Guimarães bem merece nossa atenção. Não possui, é claro, aquela inspiração abundante fonte de poesia que corria eterna, que caracterizou Alphonsus. Mas o que escreveu daria para formar um volume bem razoável. Seu livro, em certo momento, chegou a estar pronto para a prelo, e tinha o nome de *Coroas de Espinhos* (João Alphonsus diz que *Coroas de Goivros*). Foi trocado para o título, por um amigo de grande importância política de Arcangelus, que se encarregou dos trabalhos de edição. Aqui, esse amigo entregou os originais a um poeta da intimidade sua e da amizade de Arcangelus, pedindo-lhe fizesse uma leitura final dos poemas submetendo-os a uma revisão depois de que os mandaria para o prelo. Ora, essa pessoa, que se encarregou da revisão dos poemas, era um advogado e tinha, com outros advogados, uma banca na cidade. Saíndo da conversa em que recebera os originais de Arcangelus, levou-os, e foi guardar o livro manuscrito no escritório na gaveta de sua mesa. Sendo também um bom homem, deixou passar algumas semanas sem tornar a aparecer no escritório. Quando lá voltou — oh! decepção, oh! dor — o escritório estava fechado! Perambulando o que havia, foi-lhe respondido que fôra penhorado. Lembrando-se que fôra penhorado, Arcangelus, inquieto e aflitíssimo:

— E minha mesa?

Respondeu-lhe que, tinha sido levada para o Depósito Público, Correio para o Depósito Público. Nada da mesa! Nunca mais teve nenhuma informação dela. Assim se extravasaram os originais da *Coroas de Espinhos*. Existirão ainda perdidos, em alguma parte?

Arcangelus de Guimarães é um poeta dualístico. Sentimo-lo impreg-

nado de poetas portugueses, com um pouco de António Nobre talvez, com muito de Guerra Junqueiro sem dúvida. De Junqueiro tem até o ritmo, tem o embalo, tem até o gosto de certas imagens, de certas idéias, o encanto de certas palavras. Eram duas brancas, feitas de huares. Quem, contemplando-as, não será "corista"?

Não pareceu um verso das *Simplex*. Poeta feita de simplicidade e de ternura, os versos de Arcangelus de Guimarães caíram longamente no gosto do povo mineiro, te acaso no de outros Estados). Há poetas suas (como a *Relada da Lua*) que os mineiros cantam anonimamente, ao som do violão, valem quase como produções folclóricas.

Ao lado dessas poesias de feição um pouco bucólica — deusa canções, dessas campestres — escreveu ele sonetos, alguns dos quais magistralmente concebidos e magistralmente executados. Seu soneto dedicado ao Ribeiro de Clara, por exemplo, me parece muito formoso. Eis-lhe:

RIBEIRÃO DO CARMO

Levavas as dolentes nostalgias
Das choupanas, dos campos, das ci-
dades...

E é por isso que murmuro segredos...
Como quem surge choro de saudades.
Nos tuas águas límpidas e frias
O luar sonhava brancas virgindades...
Eras tão triste assim que parecias
Feito do pranto eterno das idades.
Mas não paravam nunca as tuas
[...]

Talvez para matar as próprias má-
[...]

Sem te deter corrias sempre além...
E vindo-te passar como um demônio
Eu tinha às vezes o desejo ardente
De ir no teu lado de seguir também!

A obra poética de Arcangelus de Guimarães deveria ser cuidadosamente recolhida. Veríamos então, que este um poeta de deliciosas qualidades — que é o que diz Alphonsus: *o irmão de sangue e de alma, de berço e sonhos do maior poeta de Minas Gerais*...

— E minha mesa? — Respondeu-lhe que, tinha sido levada para o Depósito Público, Correio para o Depósito Público. Nada da mesa! Nunca mais teve nenhuma informação dela. Assim se extravasaram os originais da *Coroas de Espinhos*. Existirão ainda perdidos, em alguma parte?

Arcangelus de Guimarães é um poeta dualístico. Sentimo-lo impreg-

O céu era lívido e frio,
As folhas de um louro mortal,
As folhas de um louro mortal;
Era noite no outubro vazio
No fim do meu ano fatal;
Era ao pé d'esse lago sombrio
Na média r'g'ô espectral
Era perto do pego sombrio
Na fria floresta espectral.
Aqui por uma ala lídica,
Cipreste, errei com minha alma —
Cipreste, com minha alma —
Eram dias de mente vulcânica
Como o rio que quente se espalma —
Como a lava que em rio se espalma.
Em fúria sulfúrea e vesânica
Nas últimas terras sem calma —
Que gentes com mágoa vesânica
Nas terras extranhas sem calma.
Cada um no falar fora frio,
Mas na alma dum gelo mortal —
Na alma dum gelo mortal.
Pois não dormo p'lo outubro vazio
Nem p'la noite do ano fatal —
(Ah, noite entre idades fatais!),
Nem notamos o lago sombrio
(Que outrora já viramos tal).
Nem lembramos o pego sombrio
Nem a fria floresta espectral.
Mas a noite era já senescente
E os astros sonhavam com dia —
Quando um lago luxur liquescente
Ao fim do caminho surgiu.
E da luz se formou um crescente
Que com pontas distintas luzia —
O de Astarte subido crescente
Com as pontas agudas luzia.
E eu disse, Eia e eu em versão,
Num fier de amor a bolar;
Val num fier de amor a bolar
Viu que as lágrimas não poderiam
Nestas faces comidas secat;
E as estrelas pascu do Leão
O caminho do céu a mostrar —
A paz que há nos céus a mostrar;
Vou aqui apesar do Leão
Nos trazer o amor ao olhar —
Através da caverna do Leão
Com amor no seu lídico olhar.
Mas Piche, erguendo seu drô,
Disse, "Nada a esta estrela me dou —
Não tardarei! Não tardarei! Vinde cedo
Para longe onde a alma está só —
Ah, no ar e a noite está a flux!
Confiemos em sua luzente
Visão que nos certos conduz!
Podemos confiar na luzente
Visão que nos certos conduz.
Que na noite e no ar e a flux!
E a Piche eu aflux e beijo.
E a tiro da dor que a consume —
Da dúvida e da dor que a consume,
E no fim do caminho nos veio
Que um sepulcro com porta resume...
Um sepulcro lendário resume.
Pergunhei, "Que legenda é que vejo
Que esta légenda porta resume?
E ela disse, "Ulalume! Ulalume!
Está aqui tua amada Ulalume!
E o meu ser ficou lívido e frio
Como as folhas dum louro mortal —
Como as folhas dum louro mortal —
E exclamei, "Era o outubro vazio,
E esta noite do ano fatal,
Que aqui vim, aqui vim afinal!
Que aqui trouxe este larido final!
Nesta noite de todas fatal
Que sombrio me trouxe afinal?
Ah, sombrio me trouxe o lago sombrio,
Esta média região espectral!
Bem conheço este pego sombrio
E esta fria floresta espectral!"

Nota a este número de "Autores e Livros"

Com o seu número de hoje, "Autores e Livros" incorpora à sua galeria um dos historiadores mais pitorescos e mais importantes do Brasil — Frei Manuel Calado. Pertence ele ao nosso quinto século e é um dos quatro ou cinco autores que no período da guerra holandesa têm um real interesse para os brasileiros.

Os outros autores de prestígio e importância, para nós, serão na época e no assunto, o Marques de Baixo que, entretanto, escreveu as suas *Memórias* (em espanhol). Frei Rafael de Jesus, Francisco de Brito Freire, Pensamos, a princípio, em dedicar um número de "Autores e Livros" a cada um desses escritores. Meditamos mesmo, verificamos que seria demasiado dar quatro números àquela fase de nossa história — quando só editamos um fascículo por mês. Fica, pois, o número de hoje dedicado a Frei Manuel Calado; leva, porém, em suas páginas, as notícias biográficas e bibliográficas relativos aos demais his-

toriadores da fase holandesa. Assim, aqueles que desejarem alguma consulta acerca de qualquer deles, já terão aqui maneira de se orientar.

É essa, de resto, uma orientação que हमें हमें de tomar como norma. A literatura brasileira dos séculos rimosa, em particular, a poesia) possui poucos e raros autores de grande e real importância. O que existe, é, em geral, frágil e desprovido de qualquer interesse. De sorte que, fixando fôse período, iremos de deixar nossos leitores nos autores que tiverem maior importância, incluindo entretanto a sombra deles, os valores menores. Já no próximo mês dedicaremos a nossa publicação a Frei Manuel de Santa Maria Itaparica, o autor dos *Enfiteusados*, pouco conhecido no lado dele uma seis ou oito poemas de sua época, muitos daqueles raios esquecidos que enchem as páginas dos Florilegios e dos Mosaicos Poéticos dos nossos primeiros colecionadores literários.

João Luso Um Livro de Umberto Peregrino

Faleceu nesta cidade no dia 6 de janeiro o escritor João Luso, antigo redator do *Jornal do Comércio* e membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

João Luso representava uma nobre e fúlgida tradição literária. Trancido iniciado aos 18 anos sua atividade jornalística, ele a prolongou vivazmente até aos seus 75 anos que foi a idade com que faleceu. Nesse longo exercício da pena, escreveu numerosos gêneros: o conto, a crítica, o teatro, a meditação filosófica, o diálogo, a memória, o discurso acadêmico. Mas foi sobretudo como cronista — e principalmente nos seus excelentes rotões *Dominicais do Jornal do Comércio* que ele se firmou, que ele se tornou credor do amor dos leitores.

A Academia Brasileira de Letras chamou-o, — 22 de dezembro de 1932 — para um dos seus *laureados* estrangeiros fazendo-o sucessor de Jaime de Sequeira. Juntamente com Serafim Leite, ele como que representava na ilustre corporação brasileira essa dedicatória cultural que prende o nome aos seus velhos origens lusitanos.

João Luso — Armando Erse de Pinheiro — nasceu em Loulé, distrito de Coimbra, em 12 de junho de 1875, e era filho de Joaquim José Erse e D. Maria da Piedade de Pinheiro Erse. De 1887 a 1892 fez o curso de Preparatórios do Liceu de Coimbra. Veio para o Brasil em janeiro de 1893, dirigindo-se para São Paulo, onde ingressou na carreira comercial. Em 1894, já sob o pseudônimo de João Luso, estreou no *Diário Popular*, de São Paulo colaboração exclusivamente literária, feita nos curtos lazeres da vida comercial, então laboriosíssima. Depois escreveu comos e crônicas para o *Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Repórter*, *Revista Literária*, *Paulicéia*, etc. Em 1898 entrou definitivamente para o jornalismo, como secretário do *Diário de Santos*. Veio para o Rio de Janeiro em 1900, e alguns meses depois foi feito secretário da *Imprensa*, de Rui Barbosa (segunda fase). Em 1901 entrou para o *Jornal do Comércio*, como repórter policial. Em 15 de setembro do mesmo ano publicou o primeiro folhetim "Dominicais".

Em 1911 foi representado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro a peça de sua autoria *Nô Cego*, premiada pela Academia Brasileira de Letras em concurso aberto entre escritores brasileiros.

seleiros ou residentes no Brasil há mais de dez anos. Os originais dessa peça, cuja edição fora adquirida pela Casa Grunert, extraviaram-se em Paris ou em viagem, durante a Grande Guerra.

Entrou para a *Revista de Semana* em 1929. Colabora *Nô Noite*, desde 1932. Membro da Associação Brasileira de Imprensa do Sindicato de Jornalistas Profissionais, do P.E.N. Clube do Brasil, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e da Sociedade Brasileira de Críticos Teatrais. Em 1939, requereu e obteve o título de cidadão dos direitos de cidadão brasileiro.

Possuía as seguintes condecorações: Oficial da Ordem de Santiago da Espada, Portugal.

Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul, Brasil.

Além do pseudônimo de João Luso, Armando Erse usou vários outros — como Clara Lucia e Leopoldo Maia.

Bibliografia de João Luso:

- "Contos da minha terra", 1896.
- "Prosa", 1904.
- "Histórias da vida", 1907.
- "O amor, tragédia e farsa", 1907.
- "Ao sol e à neve", 1908.
- "Elogios", 1919.
- "As entrevistas de Expedito Faro", 1917.
- "Comédia urbana", 1920.
- "Reflexo do Rio", 1923.
- "Os Meneses de Haddock Lobo", 1925.
- "O despenhadeiro", 1925.
- "Contos de Natal", (1.ª ed.), 1930.
- "Viajar", 1932.
- "Terras do Brasil", 1933.
- "Arrá da cidade", 1935.
- "Alegria e ternura", 1935.
- "Os animais, vozes irmãos", 1937.
- "Vozes, criminosos", 1938.
- "Assim falou Polidoro", 1941.
- "Oração e palestra", 1941.
- "Fruta do tempo", Editora A Noite — 1945.

Além desses livros tem feito dezenas de traduções e outros trabalhos de teatro.

Traduções assinadas:

- "Jesus Cristo", de Monsenhor Bougaud, 1908.
- "Fábulas do meu Jardim", de Georges Duhamel, 1937.

Umberto Peregrino, brilhante esportista, já fartamente conhecido do público carioca através da frequente colaboração que tem oferecido aos nossos jornais, enriqueceu agora a sua bibliografia com o volume que intitulou — *A navegação do problema alimentar brasileiro (Tese e realizações do SAPS)*.

Trata-se de uma coletânea de discursos, nos quais ele explica a sua atuação à frente do SAPS, desde que para ali entrou, em abril de 1947, até aos dias atuais.

Nesses dois anos e meio de atividade, teve Umberto Peregrino ocasião de construir bela obra, como o vemos exposto nas palavras em que ele revela seu amor ao trabalho, a sinceridade de sua orientação, o desejo que o animava sempre de ver uma obra tão árdua e tão meritória, como é a do SAPS, atingir os seus destinos mais valiosos.

Como mostra o livro de Umberto Peregrino, aqui transcrevemos uma das mais felizes páginas deste seu livro — *Palavras de Fé* — oração por ele proferida num almoço de confraternização dos seus companheiros de trabalho.

PALAVRAS DE FÉ

(Palavras proferidas por ocasião do almoço de confraternização de 1 de janeiro de 1949 no Restaurante da Câmara).

Dia da confraternização universal. Quem tem alguma parcela da responsabilidade na direção de grupos humanos, deve valer-se dessa data de tão alto e generoso sentido para aproximar a seu grupo.

Impossibilitado de reunir todos os que trabalham no SAPS, achei por bem fazer de maneira simbólica a nossa festa de confraternização, consoante em torno desta mesa a alta administração dessa Instituição e os elementos mais significativos do trabalho dos nossos Restaurantes. E aqui estão os Inspectores da Seção Técnica, os administradores de Restaurantes, os nutricionistas, os representantes das empresas de copa e cozinha, dos transportes, do serviço de rádio.

Tenho bem presente que o SAPS desenvolve várias outras importantes atividades como sejam a dos Postos de Subsistência, a dos Cursos Técnicos, a do Setor de Visitação.

Contudo, a verdade é que a atividade dos Restaurantes é que é a atividade básica do SAPS, tanto pelo volume, como pela complexidade, como pelo valor qualitativo. Basta refletirmos em que através dos Restaurantes se efetivam as duas principais atribuições do SAPS: a assistência e a educação alimentares. Vem daí o reflexo soberano que os Restaurantes exercem na vida do SAPS.

O SAPS é o que são os seus Restaurantes. O conceito desses é o da entidade. Tudo no SAPS existe para os Restaurantes. A Subsistência, a Seção Técnica, a Engenharia, a Seção de Administração, enfim todos os órgãos.

Permitam-me que recorde agora certo conto salvo que reproduz para os funcionários do SAPS por ocasião da minha passagem. É a história daqueles três homens que trabalhavam numa pedreira, retilhando pedras para construção de uma catedral.

Um deles perguntando sobre o que fazia responderam prontamente:

— Eu panho o meu pão.

O segundo, à mesma pergunta, respondeu:

— Não vê, quebro pedras me acabando aqui, da manhã à noite.

O último se exprimiu cheio de orgulho:

— Eu construo uma catedral.

Ora, meus amigos, o SAPS é bem uma catedral, e é a nossa catedral. Pois as obras no Brasil serão feitas de sentdo humano, tão elevadas, tão nobres. Aquelas que trabalham no âmbito SAPS estão constantemente edificando um grande número, está ativamente participando de uma obra de solidariedade humana.

É justo, portanto, que tenhamos muito orgulho de tudo isso. E a administração do SAPS, comandada pelo Diretor, Chefe do Gabinete e todos os chefes de serviço, que trabalham de fraternidade universal, e fraternizar com os obreiros diretos da grandeza do SAPS, aqueles que movimentam os seus Restaurantes.

E nesse instante de tão puro e alto pensamento para todos nós, desejo com a minha afetiva saudação exprimir os votos que faço pela felicidade pessoal de cada um.

Que possamos todos neste 1949 que se inicia, alcançar mais do que alcançamos em 1948, que possamos trabalhar mais completamente nos nossos trabalhos, nos nossos projetos, nos nossos sentimentos. Que encontremos, todos, novas e melhores motivações para valorizar e enobrecer a vida.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 43,00

FASCICULOS AVULSOS:

Dos volumes de 1.ª fase (I a VIII) Cr\$ 50,00
Do volume IX Cr\$ 5,00
Do volume X Cr\$ 4,00
Brochura do volume IX Cr\$ 100,00

NUMEROS ATRAZADOS

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Telefone 22-9981, ramal 9. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

ADORMECIDA

CASTRO ALVES

Des longes châteaux épris la couvent tout entier,
Le cœur de son cultive repose dans sa main,
Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière,
Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain.

A. de Noailles.

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão, solto o cabelo.
E o pé descalço do tapete rente.

Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exhalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite praída e divina.

De um jasmeiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos — beijá-la.

Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremejava...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela la beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-la que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava, ora afastava-se...
Mas quando a via despertada a meio,
P'ra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
— O' flor! — tu és a virgem das campinas!
— Virgem! tu és a flor de minha vida!...

GALERIA SOTERO COSMES

